

# ARCO 3

EM REVISTA



Editora do Brasil

Junho de 2021 | n° 5

## Ensino híbrido: os desafios e as oportunidades da metodologia

Por que este termo tem significado amplo e quais são suas verdadeiras aplicações? Especialistas esclarecem essas e outras questões sobre métodos *online*, remotos e presenciais

### O abandono paterno e suas consequências para a infância

Marcos Piangers fala sobre a necessidade de reconhecer a problemática

pág. 28

### Educação Infantil em tempos extraordinários

Quais foram os impactos da pandemia entre os alunos desta faixa etária?

pág. 30

### Em meio à pandemia de Covid-19, vai ter Novo Ensino Médio?

Entenda o que preveem a BNCC e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

pág. 40

# LANÇAMENTO

## ENSINO FUNDAMENTAL

DE ACORDO  
COM A BNCC!

# mate mática

Bonjorno

**A Matemática com Bonjorno agora na Editora do Brasil:** conteúdos que auxiliam o trabalho docente e estimulam os estudantes a se aperfeiçoarem e consolidarem o conhecimento na área!

## Anos Iniciais do Ensino Fundamental

**Autores: José Roberto Bonjorno, Regina Bonjorno e Tânia Gusmão**

Organizada por unidades temáticas, a coleção **Matemática Bonjorno** – Anos Iniciais do Ensino Fundamental contempla uma cuidadosa e variada seleção de temas essenciais para a formação integral dos estudantes, bem como o desenvolvimento das competências socioemocionais: cidadania, meio ambiente, pluralidade cultural, convívio social, esportes, educação para o trânsito, educação para o consumo, entre outros, sempre integrando no dia a dia outras áreas do conhecimento. Respeitando a ludicidade característica da faixa etária, são propostos diversos desafios instigantes para as crianças, atividades com uso de tecnologias digitais e subsídios para avaliações diagnósticas contínuas e significativas.

O trabalho com a pluralidade de nosso país transpassa todos os volumes da coleção: artesanato, música, dança, arte contemporânea nacional, histórias e cidades das cinco regiões brasileiras são contemplados de maneira a valorizar o contexto no qual professor e estudante estão inseridos.

**Matemática Bonjorno** – Anos Iniciais foi elaborada de acordo com os pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), fornecendo todo aporte para o docente trabalhar sua implementação por meio de rico Manual do Professor, com formato em U e indicações de competências, habilidades e objetos de conhecimento presentes em cada página, além de leituras e práticas adicionais.



## Anos Finais do Ensino Fundamental

**Autores: José Roberto Bonjorno, Regina Azenha Bonjorno, Ayrton Olivares e Marcinho Mercês Brito**

**Matemática Bonjorno** – Anos Finais do Ensino Fundamental foi elaborada pensando na necessidade de encorajar os estudantes a acreditar na própria potencialidade para comunicar ideias, desenvolver e expressar argumentos matemáticos significativos, inserir a Matemática em sua realidade cotidiana e a ser resilientes em tarefas mais longas e difíceis. A obra também pretende mostrar que, por meio da resolução de problemas, todos os estudantes podem aprender Matemática desfrutando de boas experiências de ensino.

Todo esse desenvolvimento é feito por meio de resoluções de problemas – geralmente abertos, o que diferencia esta coleção das outras – e de investigação matemática. Somada à consolidada metodologia de seus autores – com grande renome no mercado –, **Matemática Bonjorno** é uma coleção inovadora, que integra conteúdos essenciais da área com uma abordagem atual e leve, buscando agradar tanto o professor como o estudante.

Como indicado na BNCC, a coleção respeita os conhecimentos prévios dos estudantes e utiliza recursos e estratégias para a aprendizagem: Matemática (linguagens e aparatos tecnológicos para resolução de problemas); Educação Financeira como estímulo ao desenvolvimento do senso crítico e da participação cidadã; e atividades que contemplam diversas regiões brasileiras.



Coleções com diversos recursos digitais para professores e estudantes disponíveis na dinâmica e completa plataforma **LEB – Laboratório Educacional Brasil!**

Entre em contato com o consultor de sua região ou pelo e-mail [atendimento@editoradobrasil.com.br](mailto:atendimento@editoradobrasil.com.br)





**Editora do Brasil**

**Presidente:**

Aurea Regina Costa

**Diretor Geral:**

Vicente Tortamano Avanzo

**Diretor Comercial:**

Bernardo Musumeci

**Diretor Editorial:**

Felipe Ramos Poletti

**Gerente de Marketing e Inteligência de Mercado:**

Helena Poças Leitão

**Gerente de PCP e Logística:**

Nemezio Genova Filho

**Supervisora de CPE:**

Roseli Said

**Coordenadora de Marketing:**

Livia Garcia

**Analista de Marketing:**

Miki Tanaka

**Realização**

**Diretora de Redação:**

Helena Poças Leitão

**Coordenação Editorial:**

Livia Garcia

**Colunista:**

Stéphanie Habrich

**Conteúdo:**

Agência Bowie

**Revisão:**

Rhamyra Toledo

**Direção de Arte,**

**Projeto Gráfico e Diagramação:**

Z1 Estratégia e Comunicação

**Jornalista Responsável:**

Helena Poças Leitão - MTB 44375/SP

**Central de Atendimento**

**E-mail:**

atendimento@editoradobrasil.com.br

**Telefone:**

0300 770 1055

**WhatsApp:**

11 99329 5316

**Redes Sociais**

 facebook.com/editoradobrasil

 youtube.com/editoradobrasil

 instagram.com/editoradobrasil\_oficial

 twitter.com/editoradobrasil

[www.editoradobrasil.com.br](http://www.editoradobrasil.com.br)

**Editora do Brasil**

Rua Conselheiro Nébias, 887  
São Paulo, SP — CEP: 01203-001

# SUMÁRIO

- 
- 6** Ensino híbrido: os desafios e as oportunidades da metodologia
- 
- 14** *Homeschooling*: as didáticas e os desafios do ensino liderado pelas famílias
- 
- 16** Bases da alfabetização: o que a PNA traz de novo para a Educação Infantil?
- 
- 20** Os impactos no desenvolvimento socioemocional dos alunos em cada fase do ensino
- 
- 22** Estudo dos ODS pode tornar a cultura da escola um catalisador para mudanças
- 
- 28** O abandono paterno e as suas consequências para a infância
- 
- 30** Educação Infantil em tempos extraordinários
- 
- 32** Trabalhar em casa ou morar no trabalho? Como se desligar da rotina durante a quarentena
- 
- 34** Os desafios da educação inclusiva em tempos de pandemia
- 
- 38** Evento exclusivo da **Editora do Brasil** reúne educadores e palestrantes em debates contemporâneos
- 
- 40** Em meio à pandemia, vai ter Novo Ensino Médio?
- 
- 42** Impactados pela pandemia, professores apostam no empreendedorismo
- 
- 44** O desafio das *fake news* na infância



**Prezados(as) educadores(as),**

A pandemia virou nossas vidas de ponta-cabeça. Tivemos de nos reinventar e trabalhar em dose tripla. A tecnologia tornou-se mais presente em nosso cotidiano, e nunca tivemos tantos desafios para manter a qualidade de ensino para os estudantes.

Nesta edição da revista, apresentaremos os principais temas trazidos pela pandemia e que se manterão em nossas vidas de agora em diante.

Um dos assuntos é o ensino híbrido. Apesar de ser uma questão discutida há muito tempo entre professores, gestores e especialistas educacionais, o ensino híbrido era pouco aplicado à maioria das instituições de ensino da rede privada. Com a chegada da pandemia, escolas públicas e privadas tiveram de repensar suas metodologias de ensino, e os professores tiveram de aprender a trabalhar com diversas ferramentas em um curto prazo de tempo.

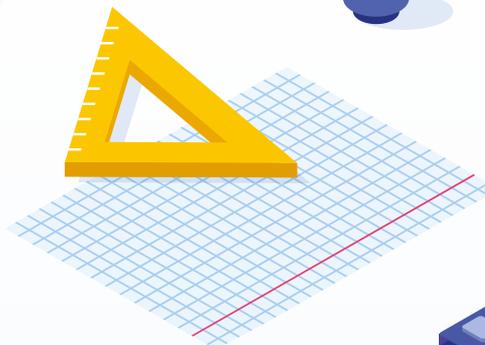
Outro tema abordado e muito polêmico é o *homeschooling*. Conversamos com diversos especialistas para entender suas vantagens e desvantagens e como funcionaria este novo modelo de ensino. Será que é algo que funcionaria no Brasil?

Agora, uma das maiores preocupações na atualidade são as crianças da Educação Infantil. Sem dúvida, esta faixa etária foi uma das mais prejudicadas no ensino durante a pandemia. Qual será o impacto no desenvolvimento dessas crianças? É possível recuperar esse tempo perdido?

Uma coisa é certa: o futuro da educação chegou, e aquele “normal” que conhecíamos nunca mais vai existir. As escolas e os(as) professores(as) que quiserem se manter ativos(as) pós-pandemia não poderão se acomodar. Inovar não é mais um diferencial, e sim uma obrigação para elevar a qualidade educacional em nosso país.

**Helena Poças Leitão**

*Gerente de Marketing e Inteligência de Mercado da Editora do Brasil*



# Ensino híbrido: os desafios e as oportunidades da metodologia

Especialistas explicam como o método que surgiu em meados dos anos 2000 ganhou força com a pandemia





**D**esde março de 2020, com a implementação do distanciamento social como forma de prevenção à transmissão do novo coronavírus e o cancelamento das aulas presenciais, a expressão “ensino híbrido” ficou mais presente no cotidiano de educadores, escolas, pais e/ou responsáveis e alunos.

A implementação das aulas remotas trouxe desafios e novas experiências e também causou muitas dúvidas. O ensino híbrido, por exemplo, à primeira vista, parece estabelecer a simples junção entre as aulas presenciais tradicionais e as a distância. No entanto, o conceito de híbrido vai muito além de apenas mesclar o ambiente real e virtual e surgiu anos antes da pandemia.

O Coordenador de Licenciatura do Senac EAD e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Caio Augusto Alves, explica que muitas definições sobre o assunto circulam nas discussões

educacionais, mas que a mais adequada é aquela que define o ensino híbrido como uma metodologia. “Isso significa que ele precisa ser fruto de um processo pensado por especialistas na área, que visam combinar o que há de melhor no ensino presencial com as possibilidades do *online*”, diz.

Dr. Alves também explica que o ensino híbrido é um conceito que surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, onde é conhecido pelo termo *Blended Learning*. “A partir da popularização dos computadores, houve a incorporação dessas máquinas nos processos de aprendizagem já a partir de 1970”, afirma o especialista, que completa: “há dez anos, no Brasil, era comum o termo ‘ensino semi-presencial’, já que houve um aumento na oferta de cursos desse tipo. Atualmente, o conceito de ensino híbrido veio em substituição a essa abordagem, na medida em que conseguimos acumular experiências e pesquisas científicas sobre as estratégias desse tipo”.



O ensino híbrido tem como objetivo aliar métodos *on* e *offline* numa época em que as crianças começam a utilizar e a ter contato cada vez mais cedo com a tecnologia, seja por meio de computadores, *smartphones* e *tablets*, seja até mesmo via *Smart TVs*. Sendo assim, é imprescindível que as instituições procurem usar ferramentas tecnológicas para potencializar o aprendizado dos alunos, atraindo sua atenção e fomentando a curiosidade, bem como a capacidade de eles mesmos buscarem informações diferentes, aprofundando-se no conteúdo proposto. Em suma, o ensino híbrido tem a responsabilidade de captar aquilo que existe de bom em cada ambiente e potencializar a experiência educativa.

De acordo com o Dr. Alves, na grande maioria dos casos percebe-se somente tentativas de oferta do ensino semipresencial, em que realmente há uma mistura entre o *online* e o presencial, sem um esforço de construção metodológico. “É justamente nesse ponto que está a diferença entre os dois conceitos: o semipresencial simplesmente mistura duas lógicas. Pode-se até chegar a um método, mas este não foi pensado à luz de outras possibilidades e entendimentos sobre o tema, o que faz inúmeras instituições atuarem de forma descontextualizada”.

Para ele, a construção metodológica deve necessariamente analisar boa parte das possibilidades, dos métodos, das técnicas e estratégias que estão à disposição para que, então, seja adotado o procedimento que mais se adeque ao contexto educacional visado pela instituição de ensino. Dr. Alves ressalta, ainda, que não é possível fazer essa construção sem pesquisa científica e sem o suporte de especialistas na área, o que realmente não é comum nas escolas; muitas vezes, gestores sem formação educacional especializada tomam decisões sem considerar alguns detalhes importantes.



Em pleno século 21, na chamada Era da Informação, mais do que nunca é importante planejar a educação levando em consideração as responsabilidades, preocupações e circunstâncias de todos. Contudo, primeiramente, as discussões sobre a aplicação do ensino híbrido necessitam apontar que este é um conjunto muito maior de recursos e abordagens do que apenas mesclar ensino a distância e presencial.

Fica claro que, embora seja uma tendência potencializada pela pandemia e pela necessidade de manutenção do distanciamento social, o ensino híbrido já é implementado em escolas há anos, mesmo que a nomenclatura nem sempre seja empregada com clareza.

Para Luciano Sathler, PhD em Administração, membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) e reitor do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, a pandemia acelerou algumas tendências que já estavam presentes, ainda que antes fossem adotadas esparsamente. “O retorno das aulas e atividades presenciais será intermitente ou alternado, o que exigirá a adoção de um ensino híbrido de qualidade, um programa em que o discente tenha alguma flexibilidade quanto ao tempo, local, ritmo de estudos e sobre as trilhas de aprendizagem a serem cursadas”, diz o especialista, que também foi o primeiro pró-reitor de educação a distância no Brasil.

Para Sathler, à medida em que a maioria das instituições educacionais implementar seu próprio modelo de ensino híbrido, será mais fácil comparar os modelos, abordagens, metodologias e resultados de cada uma. “Nesse sentido, é fundamental que a qualidade e a eficácia se aliem à eficiência da gestão, para proporcionar e privilegiar condições de se buscar excelência”, afirma.

### O potencial do ensino híbrido e seus pontos fracos

Especialistas concordam que há desafios a serem superados na implementação do ensino híbrido, mas que também há oportunidades. Para Luciano Sathler, por exemplo, a metodologia tem o potencial de aumentar a flexibilidade das escolas para atenderem alunos e professores que deverão frequentar os espaços físicos em dias e horários alternados. “Para reduzir as necessidades de infraestrutura, o ensino híbrido oferece alternativas economicamente sustentáveis para desenvolver programas de recuperação e a reorganização do calendário escolar”, diz.





Já para o Dr. Caio Augusto Alves, a vantagem é juntar o melhor do ensino *online* e presencial de maneira precisa e significativa. “Mas isso depende de muito estudo e ações bem pensadas. Da mesma forma, a desvantagem é elevar à potência os problemas dessas duas formas de ensino, o que certamente dificulta para a instituição alcançar seus objetivos”, diz.

Dr. Alves ainda levanta alguns exemplos comparando a eficácia do ensino presencial no desenvolvimento da autonomia discente ao ensino *online*, uma vez que o virtual é mais eficiente no aproveitamento de materiais didáticos, visto que lida melhor com as mídias. “Conhecendo bem o público que se pretende alcançar, com objetivos bem definidos e com um vasto conhecimento sobre todas as possibilidades das duas lógicas, é possível construir metodologias precisas e que podem levar qualquer aluno a ser autônomo para acessar conteúdos e desenvolver competências e habilidades de maneira significativa e ativa”.

O especialista, por outro lado, ainda comenta ser sabido que um dos pontos fracos do ensino presencial, mais precisamente do presencial tradicional, é justamente a centralização do professor, expressada, por exemplo, no controle da frequência e da disciplina, que leva a entender que um aluno assíduo e disciplinado é um bom aluno. “Já o ensino *online* possui, também, dentro do seu conjunto de pontos fracos, a dificuldade em alcançar as particularidades de cada discente, já que o contato individual é refreado”.



## Os efeitos em longo prazo

Dadas as circunstâncias impostas pela pandemia do novo coronavírus, a maioria dos países adotou como medida de prevenção o distanciamento social. No Brasil, embora cada estado e cidade mantenha suas próprias decisões, desde março de 2020 não há mais salas de aula e corredores cheios nas escolas, pelo contrário; aquelas instituições que foram autorizadas a abrir as portas passam por um momento diferente de tudo o que foi vivido até aqui. A maioria delas tem funcionado, em média, com a capacidade de ocupação das salas entre 25% e 40%, mantendo, ainda, o distanciamento entre as carteiras.

Em um primeiro momento, há pouco mais de um ano, o ensino remoto foi a solução encontrada com urgência, adotada para lidar com a situação naquele contexto. Não houve tempo para estudos, reflexões e análises sobre as mudanças repentinas implantadas, visto que não há, por parte dos especialistas, um consenso sobre o que seria o ensino remoto. Um exemplo disso é que cada instituição criou uma forma de ensino remoto condizente com suas rotinas e seu trabalho. O Dr. Caio A. Alves explica que os resultados de pesquisas sobre o cenário ainda não foram divulgados em quantidade suficiente de modo que seja possível obter um “Estado da Arte” sobre as mudanças. “Algumas pesquisas apontam ações bem-sucedidas, mas a maioria indica muitas falhas nas tentativas”, alega.

O especialista complementa: “por outro lado, observa-se um relativo aumento no número de transferências de alunos do presencial para a modalidade a distância, o que revela tais falhas do ensino remoto.





Esse fato aponta uma tendência, a de que os números de matrículas na modalidade a distância, que já estavam em ascensão, agora foram impulsionados”.

O preconceito sobre o ensino *online* também foi abordado por Dr. Alves. Ele acredita que com mais professores formados a distância, esses preconceitos serão desmistificados. “Isso alavancará tanto o uso dessa forma como o uso do ensino híbrido também. Acredito que estamos nos aproximando de um ponto de não retorno do uso do *online* pelas instituições”.

### As ferramentas para o uso híbrido

Atualmente, há uma infinidade de ferramentas interessantes para colaborar com a implementação do ensino híbrido pelas escolas. A **Editora do Brasil**, por exemplo, apresenta uma série de parcerias exclusivas com soluções que visam tornar as escolas cada vez mais digitais e alinhadas às práticas pedagógicas inovadoras, trazendo, também, praticidade, dinamismo, tecnologia e conteúdos didáticos essenciais para as aulas. São ferramentas que otimizam tempo e custos e alavancam o desempenho dos alunos. Para conhecer cada uma delas, basta acessar o *site* [https://issuu.com/editoradobrasil/docs/catalogodeparcerias\\_final](https://issuu.com/editoradobrasil/docs/catalogodeparcerias_final).

Para o Dr. Alves, as ferramentas ganham significado no ensino híbrido quando correspondem a uma determinada metodologia dentro de um contexto. Ele ilustra a ideia com um exemplo: “imagine

uma turma de alunos do Ensino Médio em uma comunidade periférica de uma grande metrópole. O professor de Geografia, no caso, pretende abordar problemas urbanos, com o objetivo de levar seus alunos a reconhecerem problemas do espaço urbano no próprio ambiente em que vivem, que é uma habilidade exigida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com uma boa plataforma, esse professor pode ofertar vídeos, textos e materiais didáticos para que seus alunos elaborem mais seus conhecimentos prévios em casa antes de um encontro. Já no presencial, o professor pode propor o debate desses conhecimentos e elaborar um plano de atividade em que seus alunos filmem problemas urbanos em seus próprios celulares. Esses vídeos podem compor uma mostra audiovisual”, diz.

Para ele, fica claro que a implementação de uma estratégia dessas exige conhecer a infraestrutura a qual os alunos têm acesso, assim como a relação que eles podem ter com suas comunidades. “Enfim, essa gama de estudos compõe o que chamamos de metodologia, que é justamente o que difere o ensino híbrido do ensino remoto ou semipresencial”, completa.

O exemplo trazido pelo Dr. Alves ilustra que mais do que listar ferramentas que muitos já conhecem, a potencialidade do ensino híbrido está no uso e na relação entre essas ferramentas, que organizam as estratégias de aprendizagem. Assim como é





possível combinar o *online* com o presencial a depender da metodologia, também é possível fazer uso de uma infinidade de estratégias, cada uma com aplicações diferentes.

### Como aplicar o ensino híbrido em sala de aula

O primeiro passo para que as instituições possam aplicar o ensino híbrido é planejar. Não existe uma fórmula pronta ou mágica para isso, pelo contrário; nesta metodologia há diversas técnicas que podem ser empregadas e desenvolvidas e que contam, inclusive, com a participação dos alunos para seu desenvolvimento.

Para Luciano Sathler, o ensino híbrido é uma abordagem que pode ser adotada em qualquer nível de escolaridade, da Educação Infantil ao Ensino Superior. Entretanto, para cada idade são necessárias estratégias diferentes, com metodologias próprias que levem em conta a etapa de desenvolvimento e os objetivos educacionais a serem alcançados. No caso das crianças, é recomendável que as atividades *online* sejam lúdicas e não substituam o tempo usualmente dedicado aos encontros presenciais.

### As modalidades do ensino híbrido

Há alguns métodos de aplicação do ensino híbrido mesmo na educação presencial e não existe receita pronta. Cada professor pode e deve avaliar o perfil dos alunos individualmente e da sala como um todo para entender quais são as modalidades mais efetivas para cada caso. Algumas das modalidades mais comuns são:

**Sala de aula invertida:** nesse caso, o aluno acessa, lê e estuda a teoria de uma disciplina em casa, no ambiente virtual. Em seguida, organizam-se discussões e dinâmicas de grupo no ambiente físico escolar. Considera-se que o contato prévio do aluno com a disciplina em casa potencializará ainda mais seu desempenho, uma vez que ele trará para os colegas a sua própria bagagem de conhecimento.

**Rotação de laboratórios:** é um método que divide a sala de aula em dois grupos. Enquanto um é responsável por realizar tarefas em ambiente virtual, o outro se concentra em ações *offline*. A rotação acontece por um período de tempo, e, em seguida, os grupos se invertem. É importante lembrar que esse método exige a utilização de laboratórios de informática e de ciências, assim como de salas de aula, e a disponibilidade de professores para oferecer suporte e orientações que se façam necessários.

**Rotação por estações:** a turma é dividida em estações, e cada uma delas é independente uma da outra, contando com objetivos específicos. As conclusões de cada estação se completam ao final, valorizando a capacidade de colaboração e o desempenho individual de cada um dos alunos. A rotação dos estudantes por cada uma das estações é fundamental para que todos eles passem pelas mesmas experiências.

### Como implementar o ensino híbrido na escola

O primeiro passo é entender que, para que a implementação do ensino híbrido tenha êxito, é preciso realizar mudanças que passem pela infraestrutura, pelos currículos, pelas práticas pedagógicas e até mesmo pela formação dos professores. Obviamente, dispor de recursos tecnológicos que garantam o uso do ambiente virtual de modo adequado é imprescindível, assim como saber usar as modalidades de ensino *online* e *offline* como estratégias complementares.

É possível que durante a implementação haja a necessidade de adaptações. Para isso, ouvir os alunos e as novas gerações vai torná-los mais envolvidos com o processo educacional. Quando o assunto é educação, a tecnologia pode e deve ser uma aliada, e não ser considerada uma distração.



LANÇAMENTO

NOVO ENSINO MÉDIO

# PANORAMA DA ARTE DO PALEOLÍTICO AO CONTEMPORÂNEO

DE ACORDO COM A BNCC!

AUTORA

**Nereide Santa Rosa**

Neste incrível lançamento da prestigiada autora Nereide Santa Rosa, a História da Arte é contada sob a perspectiva de diferentes culturas, espaços, sistemas de representação e linguagens. Desde o Paleolítico até a contemporaneidade – usando a cronologia como um recurso didático e com linguagem acessível aos jovens do Ensino Médio –, as artes visuais, cênicas e musicais são abordadas com a preocupação de estabelecer conexões atemporais, mostrando influências que se relacionaram ao longo do tempo.

Artistas que quebraram barreiras, romperam com técnicas e estabeleceram novas relações artísticas recebem o devido destaque. Além disso, fatos complementares, histórias curiosas, atividades de revisão e experiências estéticas proporcionam ao estudante mais do que aprendizado: trata-se de uma imersão no universo da cultura humana.

Nesse contexto, estudar Arte é propiciar a fruição e a conscientização sobre esse patrimônio.



## Panorama da Arte: do Paleolítico ao Contemporâneo

conta com diversos recursos digitais disponíveis no LEB – Laboratório Educacional Brasil para um aprendizado mais dinâmico e prazeroso!

- **EXPEDIÇÃO BRASIL ARTE:** aulas de campo em vídeo conduzidas pela jornalista Kenya Sade! Série com 4 episódios:
  - Arte rupestre e Pré-colonial no Brasil
  - A arte do século XIX no Brasil – Academicismo e Pré-modernismo
  - A São Paulo dos modernistas
  - Arte no espaço público
- Videoaulas
- Apresentações audiovisuais
- Podcasts
- Sequências didáticas
- Infográficos

Folder traz uma linha do tempo da História da Arte que será contemplada ao longo da obra!



Entre em contato com o consultor de sua região ou pelo e-mail [atendimento@editoradobrasil.com.br](mailto:atendimento@editoradobrasil.com.br)

 **Editora  
do Brasil**

# Fé na vida

ÉTICA  
E CIDADANIA

NOVA EDIÇÃO

ANOS FINAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL

DE ACORDO  
COM A BNCC!



A nova edição da coleção **Fé na vida: ética e cidadania** tem como ponto de partida para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e convida os estudantes, por meio de atividades e referências teóricas, a vivenciar cotidianamente as reflexões propostas ao longo das discussões presentes em cada uma de suas páginas.

Cada volume de **Fé na vida: ética e cidadania** é organizado em quatro momentos, constituídos por cinco diálogos repletos de seções e vinhetas que, de modo leve e enriquecedor, contribui para o desenvolvimento de jovens éticos e cidadãos reflexivos e emocionalmente inteligentes.

**Autores da coleção:** Margarida Regina de Almeida, José Donizetti dos Santos e Lucas Madsen da Silveira

Coleção com recursos digitais disponíveis na plataforma **LEB – Laboratório Educacional Brasil!**

Entre em contato com o consultor de sua região ou pelo e-mail [atendimento@editorado brasil.com.br](mailto:atendimento@editorado brasil.com.br)

 **Editora do Brasil**

# Homeschooling: as didáticas e os desafios do ensino liderado pelas famílias

**S**er aprovado no vestibular é o sonho de quase todos os estudantes do Ensino Médio. Imagine só para quem ainda nem chegou à maioridade e já tem essa conquista no currículo! Foi o que aconteceu com uma moradora de Sorocaba (SP), Elisa de Oliveira Flemer, que, aos 17 anos, conquistou o 5º lugar no curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica da USP por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU). Entretanto, nem mesmo a excelente nota na redação do Enem – que beirou os mil pontos – foi capaz de assegurar que ela se matriculasse no sonhado curso.

Até o momento do fechamento deste texto, o futuro de Elisa ainda é incerto. No dia 28 de abril, foi protocolado o pedido de liminar para que a jovem seja autorizada a se matricular e, assim, não perca a vaga.

A história de Elisa tomou conta das redes sociais e portais de notícia, já que o motivo de a jovem não conseguir se matricular no Ensino Superior é um tanto inusitado e levanta discussões entre os especialistas: o *homeschooling* (educação domiciliar). No Brasil, a modalidade não é permitida ou reconhecida por lei, fazendo muitas famílias que ensinam seus filhos em casa serem acusados de abandono intelectual pelo Ministério Público. No entanto,

tramita na Câmara dos Deputados uma tentativa de regularização da prática por meio do projeto de Lei 3.179/12, de autoria do deputado Lincoln Portela (PL-MG), que traz a seguinte proposição em sua ementa: “*Acréscimo parágrafo ao art. 23 da Lei nº 9.394, de 1996, de diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a possibilidade de oferta domiciliar da educação básica*”.

Na prática, o PL proposto por Portela autoriza que o Ensino Fundamental e o Médio possam ser mantidos também na própria residência do aluno, desde que ministrados por pais ou tutores escolhidos, com supervisão e avaliação periódica pelo poder público.

Porém, como funciona o *homeschooling*, afinal, e quais são suas vantagens e desvantagens? Para a neuropedagoga Raquel Nunes, é importante ressaltar que o ensino domiciliar implica em um engajamento familiar muito grande e, de preferência, que vá além disso. “A dedicação é muito maior do que terceirizar a educação da criança na escola. Então, a desescolarização e a educação domiciliar não são para todos. É para quem está disposto a se envolver profundamente nas questões que a abrangem e requer bastante apoio externo. A premissa é que é preciso uma vila inteira para educar uma criança”, diz.

Fredric Litto, presidente da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), acredita que o *homeschooling* oferece mais oportunidades para os pais na educação de seus filhos e que, assim como a legislação atual permite escolas privadas a irem além do currículo mínimo, os jovens que recebem educação domiciliar podem participar de atividades esportivas, artísticas e científicas apropriadas para sua faixa etária por meio das associações de pais e/ou responsáveis formadas para essa finalidade.

Litto também afirma que as famílias que optarem pelo *homeschooling* devem seguir a legislação local e se associarem a grupos de outros pais que encaram o mesmo desafio.

“Eles precisam observar as datas de exames estaduais necessários para que os estudantes obtenham a certificação apropriada, procurar estabelecer uma ‘biblioteca escolar’ em casa e fazer uma rica e regular programação de visitas culturais, acompanhando as crianças e os jovens em museus, parques, salas de concerto, bibliotecas públicas e instituições de Ensino Superior”.

### O que querem os brasileiros

Em março de 2020, o DataSenado divulgou o resultado de uma pesquisa feita em 2019, revelando que a cada 20% dos entrevistados declararam serem a favor da educação domiciliar. Já os resultados de 2021 mostram que esse número subiu para 36%. Porém, mesmo com esse significativo crescimento, a maioria da população continua a se posicionar contra a implementação dessa modalidade de ensino no País.

Uma das brasileiras que apoia o *homeschooling* é a jornalista e terapeuta Carolina Lopes. Desde que sua segunda filha nasceu, há quase oito anos, ela passou a se interessar pelo tema e se engajou nas pesquisas sobre o assunto. “Estudei e vivi na prática a não escolarização por pouco mais de dois anos quando morava ainda em São Paulo. Depois mudei para Ubatuba, segui conectada com famílias nessa descolonização do olhar sobre o que é educação, mas optei, naquele momento, por matricular minha filha numa escola Waldorf, porque estava num momento de separação do pai dela e precisava de muito mais apoio para a sustentação da educação domiciliar do que tinha naquele momento”.

A liberdade das famílias é argumento bastante frequente daqueles que defendem o ensino domiciliar. Para Raquel Nunes, as vantagens do método estão relacionadas com o empoderamento da família nas escolhas de educação dos seus filhos. Contudo, a neuropsicopedagoga afirma que além de prós, há também os contras: “A desvantagem permeia a necessidade de socialização para um bom desenvolvimento da criança, caso ela não aconteça em outros espaços sem ser a escola”, completa.

### Figuras de referência

Raquel explica que a referência da figura de um professor também faz parte do desenvolvimento da criança. “Ter um adulto com outro olhar para mostrar o mundo é muito importante. É para além da relação de vínculo e sentimentos existentes entre os adultos e seus filhos. É mostrar os conteúdos com outros olhos, por uma outra linha de raciocínio e ação”, comenta.

Para a profissional, existem muitos sucessos educacionais construídos pelas famílias educadoras quando conseguem estabelecer tempo e espaço para isso. “Além do empoderamento da sua escolha educacional, é preciso um olhar focado no desenvolvimento, no trabalho interno do adulto de autoeducação para essa relação, para que nossas angústias, projeções e feridas emocionais da infância não interfiram nesse trabalho”, complementa.

Segundo ela, também se pode contar com um professor no *homeschooling*. “Isso faz parte das escolhas, dedicação, recursos, tempo e espaço que a família tem para esse processo, que precisa de muito estudo, movimento e transformação”, finaliza.



# Bases da alfabetização: o que a PNA traz de novo para a Educação Infantil?

**A** Política Nacional de Alfabetização (PNA), instituída pelo Decreto nº 9.765 em 11 de abril de 2019, pode ser considerada um marco na Educação Infantil brasileira. Desde sua implantação, muito foi discutido e comentado, mas afinal, quais são as principais propostas que ela traz? A PNA, como é popularmente chamada, com base na ciência cognitiva da leitura, define a alfabetização como o ensino das habilidades de leitura e escrita em um sistema alfabético e prevê que as ações devem ter ênfase no ensino de seis componentes essenciais para a alfabetização: consciência fonêmica; instrução fônica sistemática; fluência em leitura oral; desenvolvimento de vocabulário; compreensão de textos; e produção de escrita.

Segundo o caderno lançado pelo do Ministério da Educação, o progresso nos estudos depende da aquisição de conhecimentos básicos: “Sem saber ler com compreensão, escrever corretamente e sem dominar conceitos básicos de Matemática, a criança não conseguirá percorrer com êxito sua trajetória escolar nem terá igualdade de condições e de oportunidades para alcançar seu desenvolvimento pessoal e contribuir com a sociedade”. A elaboração da PNA surge, portanto, como um esforço para melhorar os processos de alfabetização no Brasil e os seus resultados.

## O que é essa tal ciência cognitiva?

“Ciência cognitiva” é uma expressão abrangente para os muitos campos diferentes que estudam como a mente funciona. Engloba psicologia, neurociência, linguística e até mesmo ciência da computação. Nos últimos 50 anos, pesquisadores avançaram na compreensão do desenvolvimento da linguagem, compreensão de leitura, pensamento crítico e resolução de problemas, e esse corpo de evidências tem grande potencial para ajudar os educadores a melhorar a prática em sala de aula e os formuladores de políticas a desenvolver direcionamentos mais favoráveis.

É certo que trabalhar habilidades cognitivas preparatórias para a alfabetização na primeira infância pode desempenhar um papel significativo para o empoderamento das crianças pequenas, incentivando-as a desenvolver reflexão, crítica, empatia, senso de identidade e a participar plenamente da sociedade. Segundo Patrícia Botelho, psicóloga, Mestre e Doutora em Distúrbios do Desenvolvimento e Psicologia, além de autora de livros didáticos da **Editora do Brasil**, estudos mostram que o cérebro apresenta grande plasticidade e oportunidade de desenvolvimento nessa primeira infância. “É nesse momento que, se a gente estimular o cérebro e os aspectos cognitivos da criança, ela vai

se desenvolver muito melhor e criar uma base. Acho que essa é a ideia que a PNA traz, a importância de trabalhar essa base, ou seja, as habilidades preditoras”.

Para ela, de maneira geral, a mudança que a PNA carrega, não só para a Educação Infantil, é a de que a ciência tem muito a contribuir para o processo de alfabetização. “Pensando que muitos conteúdos ao longo do aprendizado estão relacionados com a leitura, com a escrita e com a Matemática, essa base de sustentação precisa ser criada”.

### Onde entra a Literacia e a Numeracia?

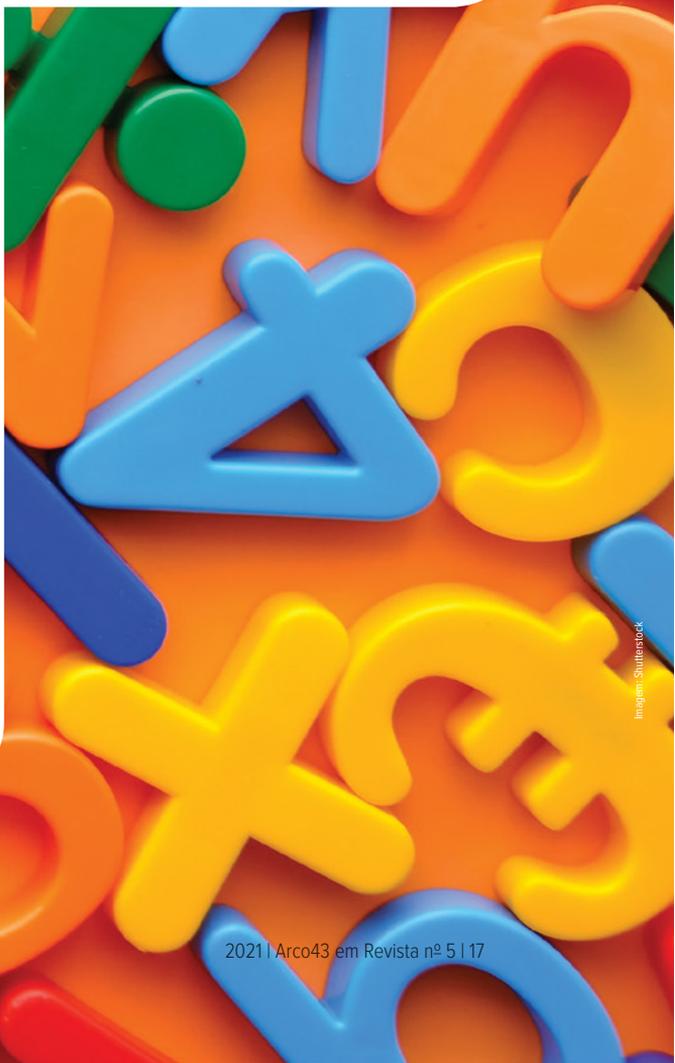
Fala, leitura, escrita e Matemática estão entre as habilidades mais importantes que as crianças aprendem ainda na primeira infância. Ler, seja de modo independente ou por meio da leitura compartilhada, ajuda a desenvolver a imaginação, aumenta a criatividade, fortalece o desenvolvimento da linguagem oral e fomenta a comunicação com mais eficácia. Já as habilidades numéricas facilitam a compreensão das informações matemáticas pelas crianças e garantem que elas resolvam problemas da vida cotidiana. A ciência cognitiva apresenta um conjunto de evidências sobre como as pessoas aprendem a ler e a escrever e indica os caminhos mais eficazes para o ensino da leitura e da escrita. Entre esses caminhos, surgem os conceitos de numeracia, que é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas com a matemática, e literacia, que consiste no ensino e na aprendizagem das habilidades de leitura e escrita, independentemente do sistema utilizado.

Se as habilidades preditoras são desenvolvidas quando as crianças se expressam por meio de brincadeiras e outras atividades, elas também desenvolvem confiança e atitudes positivas quando seus pais, responsáveis, familiares e amigos falam e brincam com elas, encorajando-as a explorar seu mundo e fazer perguntas. Nesse sentido, a PNA também abarca a literacia familiar. “Pensando a importância da família e da comunidade de estimular essas habilidades para além da escola, mostrando que a educação não depende unicamente da instituição, mas também desse trabalho multidisciplinar e de interligação desses vários contextos que a criança está inserida, isso sim é promover um desenvolvimento integral”, completa Patrícia.

### A PNA substituiu a proposta de alfabetização prevista na BNCC?

A especialista acredita que não; ambas, à sua maneira, buscam melhorias no processo de ensino-aprendizagem da educação brasileira e podem sim atuar em conjunto. “A BNCC propõe, na Educação Infantil, dois eixos principais: o de interação e o de experiência. A PNA pensa a partir da ciência cognitiva, mas nosso cérebro não se desenvolve sem experiência. Não adianta ter um cérebro preservado, mas não ter um estímulo do ambiente. Então, eu preciso estimular o meu cérebro, e como eu faço isso? A partir de interações e experiências específicas”, comenta.

Patrícia aponta que, na verdade, a PNA traz complementos e mais dados científicos relacionados ao que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prega, ou seja, uma sistematização. Não é só interagir e brincar, é ter intencionalidade por trás desses processos. É utilizar esse mundo infantil como uma maneira de estimular o cérebro, a cognição e a aprendizagem dos pequenos. Em resumo, é como se a BNCC apontasse o “como fazer” e a PNA “o quê fazer”.



ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL

## A COLEÇÃO AKPALÔ TEM NOVIDADES!

NOVA EDIÇÃO

# AKPALÔ

## Arte

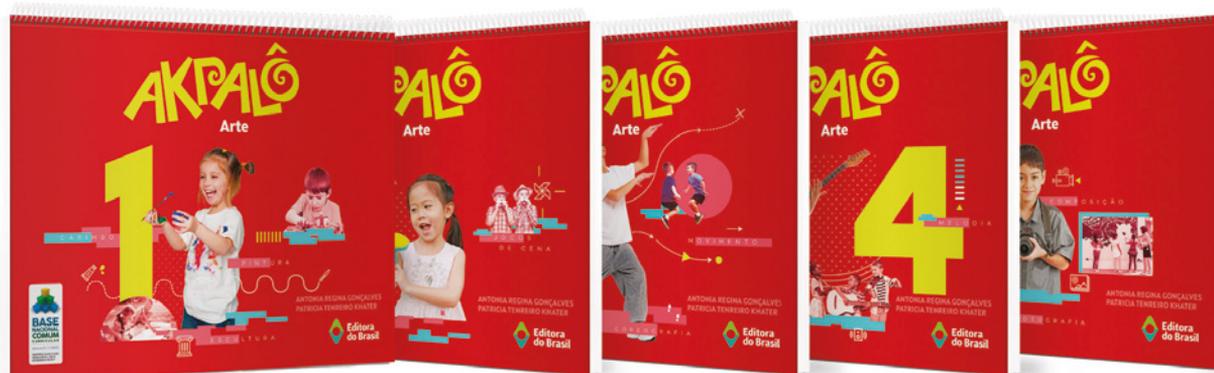
Considerando as diretrizes da **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, a coleção **Akpalô Arte** apresenta uma nova edição trazendo propostas de investigação e aprofundamento das raízes culturais do Brasil voltadas ao ensino da Arte!

Experimentando, criando e ressignificando os conhecimentos, o aluno é motivado a expandir seu olhar e pensamento crítico, tendo como norte três eixos articuladores: a reflexão, a fruição e a produção da arte.

Sempre por meio de práticas, o aluno é levado a investigar as relações entre as diferentes linguagens e desenvolve o uso das novas tecnologias com a reflexão, a experimentação e a criação associadas aos diversos saberes.

O Manual do Professor do **Akpalô Arte** oferece todo o suporte para o desenvolvimento das habilidades e dos objetos do conhecimento estabelecidos pela BNCC!

**Autoras da coleção:** Antonia Regina Gonçalves e Patricia Tenreiro Khater



**AKPALÔ: a coleção que contribui para a qualidade da educação!**

DE ACORDO COM A BNCC!

Coleções com recursos digitais inéditos e disponíveis na plataforma **LEB – Laboratório Educacional Brasil!**

# AKPALÔ

Leitura e produção de texto

LANÇAMENTO

Tendo em vista o prazer e os desafios de trabalhar a Língua Portuguesa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, lançamos a coleção **Akpalô Leitura e Produção de Texto**, propiciando todo o apoio a professores e estudantes, para que ampliem as possibilidades de reflexão sobre a língua em seus mais variados contextos. Considerando os requintes e as sutilezas da nossa língua, esse é um aprendizado para toda a vida.

Elaborada à luz da bibliografia mais recente sobre o ensino de Língua Portuguesa e estruturada nas diretrizes da **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**, **Akpalô Leitura e Produção de Texto** promove atividades de leitura e escrita de variados gêneros textuais, destacando sua circulação nas diversas esferas sociais, sem deixar de lado a ludicidade característica desta faixa etária. Trata-se de uma coleção que resulta da experiência das autoras como educadoras interessadas na formação de leitores e escritores competentes.

**Autoras da coleção:** Cláudia Miranda, Jaciluz Dias, Ludmila Meireles e Priscila Ramos de Azevedo



Obra também disponível para o ensino de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, Geografia, História

Entre em contato com o consultor de sua região ou pelo e-mail [atendimento@editoradobrasil.com.br](mailto:atendimento@editoradobrasil.com.br)

 **Editora do Brasil**

# Os impactos no desenvolvimento socioemocional dos alunos em cada fase do ensino

**C**om quantos anos aprendemos o significado da palavra “saudade”? Talvez essa seja uma pergunta sem resposta certa. O pequeno Gabriel, por exemplo, aos quatro anos de idade, já sabe bem o que é sentir falta de algumas pessoas e até de alguns lugares. A mãe dele, a arquiteta Martha Fernández, conta que o filho se queixa de saudade praticamente todos os dias. “Ele reclama de não estar perto dos colegas da escola, dos avós, do primo...”.

A verdade é que Gabriel não é a única criança que está lidando com esse sentimento tão cedo. Junto dele, estão milhões de alunos que, longe da escola, carregam as lembranças de uma época em que era permitido estar com os amigos, brincar, dar as mãos e abraçar. É verdade, também, que todas essas interações influenciam o desenvolvimento socioemocional de cada um.

Natércia Tiba, psicóloga e psicoterapeuta de casal e família, explica que cada criança sente o isolamento social à sua maneira. “Esse distanciamento pelo qual estamos passando afeta a todos, porém

de uma maneira diferente em cada fase escolar. No entanto, uma coisa é comum em todos os casos: o ser humano precisa de outro ser humano”.

A necessidade do convívio com outros indivíduos da mesma idade fica clara quando crianças como o Gabriel, tão pequenas, se queixam da ausência de outras pessoas e têm mudanças de comportamento perceptíveis. “Com a retomada gradual das aulas, o Gabriel tem ido em dias alternados à escola. Nos dias em que ele vai é nítido como volta mais calmo, menos ansioso e mais cansado. Já quando está em casa por todo o dia, ele fica muito grudado em mim, pedindo atenção o tempo todo”, conta Martha.

A faixa etária de Gabriel, explica Natércia, ainda é egocêntrica, ou seja, muito centrada nela mesma, e, por isso, as brincadeiras em casa, com a família, diminuem os impactos desse isolamento. “Se você visitar uma escola de Educação Infantil, por exemplo, as crianças que têm por volta de três, quatro anos, elas estão brincando paralelamente. Depois dessa idade, a interação mais direta começa. Eles passam a entender as regras do convívio social, como é fazer parte de um grupo, identificam-se com seus pares. O prejuízo passa a existir, mas o convívio familiar faz com que o prejuízo não seja tão grande”.

Segundo a psicóloga, por volta dos cinco anos até o início do Ensino Fundamental, as crianças passam a sentir mais falta do convívio com outras pessoas da mesma faixa etária, mas conseguem ficar isoladas sem que isso seja prejudicial à identidade delas. A especialista alerta, no entanto, que no caso de filhos únicos ou que tenham os pais muito ocupados, as crianças passam mais tempo em frente à TV ou outras tecnologias, e entre elas o isolamento é sentido com intensidade.





A saudade que o Gabriel sente aumenta ainda mais nas crianças que já estão nos Anos Finais do Ensino Fundamental e chegando ao Ensino Médio. Isso tem a ver com a necessidade dos indivíduos dessa faixa etária de estarem inseridos no meio social e obterem a confirmação dos amigos. “Eu me identifico com alguém, essa pessoa gosta de mim, isso aumenta a minha autoestima, ajuda a reconhecer quem eu sou e ajuda a formar minha identidade”, explica Natércia.

Em um ambiente escolar, o convívio representa uma espécie de “segundo parto” – Dessa vez, da família para a sociedade. Quando o adolescente, por volta dos 13 anos, passa a ser reconhecido por seus pares e procura por novos modelos, a partir daí o isolamento é sentido como algo antinatural, já que somente a família não basta. “É o momento em que não adianta mais os pais e familiares chamarem o jovem para ver um filme ou fazer uma atividade em conjunto. A família passa a não nutrir mais a necessidade da sociabilidade”, diz a especialista.

### O aumento da depressão e ansiedade nos mais novos

Ao passo que a pandemia avança, aumenta também a ansiedade e os processos depressivos entre as crianças e adolescentes. De acordo com recentes estatísticas publicadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o índice mundial de crianças entre seis e 12 anos diagnosticadas com depressão saltou de 4,5% para 8% nos últimos 10 anos.

O número chama atenção e preocupa, principalmente em um momento em que o luto se faz presente em mais de 400 mil famílias somente no Brasil. Como uma escapatória para o isolamento e a busca pelo convívio com outros jovens, é muito comum que os adolescentes busquem no ambiente *online* uma distração, um momento para compartilhar com os amigos. Para Natércia, nesse momento, cabe aos pais de famílias entenderem que os filhos estão buscando dar risada, brincar, e que o contexto dos *games* e de outras atividades *online* são as únicas formas de convívio possíveis no momento.

A especialista alerta para que haja atenção na quantidade de tempo que os jovens passam jogando ou mesmo conversando em frente aos *gadgets*, mas reforça que o isolamento é antinatural para os adolescentes e que aqueles que já eram muito fechados acabam ficando ainda mais isolados. “Os que eram mais extrovertidos, mais soltos, passam a se sentir

mais ansiosos ou deprimidos por não estarem sanando essa necessidade de estarem próximos dos outros”.

### O desenvolvimento socioemocional como competência da BNCC

Independentemente do contexto, é papel da escola e dos educadores observarem o desempenho dos alunos e suas mudanças de comportamento. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aliás, as competências socioemocionais estão presentes em todas as dez Competências Gerais, o que faz sentido quando pensamos que a educação socioemocional é o que proporciona aos alunos aprenderem a gerir bem suas emoções.

Sendo assim, por meio de práticas específicas, o ser humano pode desenvolver habilidades que o permitam ter mais qualidade de vida e estar mais preparado para os desafios que terá de enfrentar. Para pesquisadores da Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning (CASEL), as competências socioemocionais podem ser agrupadas em cinco aspectos centrais: Autoconhecimento; Consciência social; Tomada de decisão responsável; Habilidades de relacionamento; Autocontrole. Todos esses aspectos são descritos no livro “Competências emocionais de bolso – Formando alunos e professores para os desafios do século XXI”, de autoria de Itale Luciane Cericato e Lauri Cericato, publicado pela **Editora do Brasil**.

Na obra, os autores trazem não só o histórico do conceito das competências socioemocionais, como também dicas e sugestões para que educadores possam apoiar seus alunos a reconhecer e vivenciar sentimentos como raiva, alegria, medo e tristeza.





# Estudo dos ODS pode tornar a cultura da escola um catalisador para mudanças

A Educação para o Desenvolvimento Sustentável é um elemento-chave da Agenda 2030

**A** Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 2015, inclui 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) a serem alcançados. Diversos países comprometeram-se a tomar medidas para cumpri-los, como tornar a energia limpa e acessível, interrompendo o aquecimento global, acabando com a fome e a pobreza e criando cidades e comunidades sustentáveis. Nesse sentido, a pandemia

de Covid-19 colocou os estudantes e educadores em uma situação única quando se trata de refletir sobre o futuro do nosso planeta. Por mais difícil que seja, o momento mostrou como somos interdependentes em relação à natureza e que nossas ações são importantes.

Essa experiência oferece uma oportunidade para que se observe como a Educação para o Desenvolvimento Sustentável é um





elemento-chave da Agenda 2030. Por meio dela, capacita-se a todos a tomar decisões informadas em prol de integridade ambiental, viabilidade econômica e uma sociedade justa para as gerações presentes e futuras. Assim, à medida que a sustentabilidade se torna cada vez mais importante, estratégias surgem para ajudar escolas e educadores a inspirar os alunos a compreenderem que seu aprendizado e ações comunitárias contribuem para o progresso das Metas Globais.

### Iniciativas anteriores

Como uma escola integrante da Rede PEA UNESCO, o Liceu Jardim, localizado em Santo André (SP), tem uma conexão direta com os temas propostos pela ONU para a educação mundial. Desde 2018, os ODS já foram tema de dois projetos gerais na instituição, que culminaram em grandes eventos: uma Feira das Ciências para o Ensino Fundamental e o Médio e uma Feira das Ciências Kids. Em ambas as circunstâncias, os professores auxiliaram os alunos em projetos (incluindo Humanidades) cujos desafios eram relacionar os temas com os ODS. “A ideia surgiu da necessidade de colocá-los em contato com o tema de uma forma ativa, ou seja, não só estudando os ODS, mas também propondo formas de intervenção na sociedade, e que também permitisse a divulgação de conhecimentos a respeito do assunto para toda a comunidade escolar”, conta Michele Rascalha, Diretora de Tecnologia Educacional e Coordenadora de Ciências do colégio.

A abordagem foi projetada para ajudar alunos, professores, diretores, funcionários, pais e membros da comunidade a integrar tais objetivos na cultura escolar, no ensino e





aprendizagem, nas instalações e operações e parcerias comunitárias. Michele entende que o trabalho com os ODS deve partir da equipe gestora e/ou da equipe docente. “Trata-se de uma demanda para a educação. Mas, para que funcione, é preciso um trabalho conjunto e muito bem costurado com o projeto pedagógico, uma vez que mobiliza uma série de conteúdos e habilidades dos estudantes. Acompanhar e dar suporte aos professores é fundamental também, dada a complexidade desse tipo de projeto”. Além disso, ela aponta que iniciativas institucionais de sustentabilidade também contam muito, como estrutura para captação de energia solar, horta orgânica, áreas verdes, projeto de captação para água da chuva e encaminhamento de materiais recicláveis para ONGs, o que envolve papel e lixo eletrônico, todas ações em que o colégio investiu.

Para Michele, trazer os ODS para mais perto dos estudantes, envolvendo-os como protagonistas de ações, ajuda no desenvolvimento da empatia e do olhar sobre o papel de cada um na busca por soluções para as questões planetárias elencadas pela ONU. “Acho que o grande desafio é deslocar o aluno de uma posição de espectador para uma posição de maior protagonismo, mas isso também representa uma grande oportunidade para repen-

e e Sociedade). As variadas áreas de conhecimento e suas tecnologias, tão estudadas nas escolas, só ganham sentido quando são devidamente atreladas ao mundo em que vivemos e ao bem-estar humano”. Dessa maneira, os ODS são, portanto, uma grande ponte para alcançar esse ideal.

### Os alunos devem ser participantes ativos no mundo em que vivem

Em um mundo cada vez mais interconectado, é preciso preparar a próxima geração de jovens para que estes sejam líderes globais, capazes de prosperar. Os ODS têm a capacidade única de envolver os alunos em objetivos práticos e na resolução de problemas, colocando as questões em contextos relacionáveis, assim como conversam com outras metodologias e visões centradas no protagonismo juvenil. Para Francisco Tupy, professor de Letramento Digital no colégio Visconde de Porto Seguro (São Paulo - SP), os ODS, sobretudo, podem ser relacionados com a compreensão daquilo que vem ser um tema transversal no ensino por projeto, STEAM e/ou STEM, no ensino baseado em questionamentos e em outras vertentes.

Além de seu trabalho com o tema na instituição em que trabalha, o educador é um dos participantes do movimento *Innovation Lab Schools*, que apoia escolas em quatro continentes, e participou da organização do livro “Global Goals Book”, chamado por aqui de “Livro das Metas Globais”. A obra é organizada por Koen Timmers, professor universitário belga, que em 2018 esteve entre os melhores do mundo segundo o Global Teacher Prize, devido ao seu projeto de levar educação para mil crianças e jovens refugiados no campo de Kakuma, no Quênia.

O Livro das Metas Globais, além de explicar cada um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e das metas para 2030, apresenta projetos que podem ser desenvolvidos em sala de aula por educadores de todas as disciplinas. Tupy é autor do oitavo capítulo, que mostra como utilizar o jogo Minecraft para construir uma estação de tratamento de água, simular o impacto das mudanças climáticas na paisagem, gerar energia limpa e estabelecer diálogo a fim de superar conflitos por meio da lógica e empatia.

sarmos o projeto pedagógico de modo a estabelecer um maior vínculo com as demais habilidades contemporâneas e com o eixo CTS (Ciência, Tecnologia



Imagem: Shutterstock





Imagem: Shutterstock

O educador acredita que esse trabalho é possível em qualquer tipo de escola, desde que esteja adequado e equalizado com seu projeto político-pedagógico e contexto educacional. “Antes de mais nada, é mandatório conhecer o que são os ODS, e conhecê-los vai muito além de simplesmente decorar os números de um a 17. Existe muita informação e pesquisas a respeito deles, inclusive estatísticas, principalmente associadas à integração de cada ODS. Lembrando que a gente tem os 17 objetivos, mas também tem 169 metas. Então temos que entender e integrar a relação do que é o ODS com a nossa realidade, assim como as combinações que podem ser feitas. Isso vem do conhecimento tanto do que são quanto das metas, que são as subdivisões, e, principalmente, do conhecimento de como eles podem se combinar”.

Nesse cenário, a parceria com as famílias faz toda a diferença, pois ajuda a envolver ainda mais os alunos e expande a temática para além dos muros da escola. “Há muitas famílias que se preocupam naturalmente com temas desse tipo e, muitas vezes, não encontram espaço para contribuir. Então, oportunizar essa participação por meio de ações escolares funciona muito bem”, diz Michele. “A vida escolar que não tem supervisão da família, Confúcio já dizia há muito tempo, é um balde sem fundo, que não segura a água”, completa Tupy.

### Alunos e professores são inspirados a agir

Os professores não precisam ser especialistas em tópicos como consumo responsável ou energia limpa para ensinar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Eles podem aprender e explorar essas questões junto a seus alunos e planejar maneiras de agir. Uma vez que todos tenham uma compreensão dos objetivos e do porquê eles são necessários, serão

inspirados a fazer mudanças positivas, seja em pequena ou em grande escala. No Liceu Jardim, os estudantes envolveram-se muito com os projetos; os familiares apoiaram as iniciativas e até realizaram campanhas espontâneas durante o evento. “Uma outra coisa interessante é que na feira seguinte, os temas eram livres para alunos de 6º ano ao Ensino Médio, existindo apenas a diretriz de que os trabalhos também trouxessem propostas de intervenção na sociedade. Para nossa surpresa, no entanto, muitos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável acabaram aparecendo nos projetos”, aponta Michele. Foram desenvolvidos trabalhos sobre casas e cidades sustentáveis, projetos de agricultura orgânica, produtos ecológicos que os próprios estudantes cultivaram, iniciativas voltadas à igualdade de gênero e alguns projetos no campo da inovação, com foco em inclusão.

Já no colégio Visconde de Porto Seguro, Tupy desenvolveu com seus estudantes um projeto de pesquisa envolvendo um jogo e a análise da sinergia entre os ODS e suas relações com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A ideia foi tão bem-sucedida que eles participaram da Feira Brasileira de Ciências e Engenharia (FEBRACE), conseguindo o 3º lugar na Feira Brasileira de Jovens Cientistas. Também ganharam prêmios na Mostra Científica do Cariri (MOCICA) e apresentaram o trabalho na “Maior aula do mundo”, promovida pela UNESCO e UNICEF, com a presença do Primeiro-ministro de Cabo Verde, Dr. Ulisses Correia e Silva.

A Editora do Brasil tem 5 títulos presentes no CLUBE DE LEITURA ODS, uma iniciativa da CBL junto à ONU!

- ABECEDÁRIO DE AROMAS  
(Fome zero e agricultura sustentável)
- LAYLA, A MENINA SÍRIA  
(Igualdade de gênero)
- ENTRE CÃES E GATOS  
(Redução das desigualdades)
- EM ALGUM LUGAR DO MUNDO  
(Cidades e comunidades sustentáveis)
- O HAITI DE JEAN  
(Paz, justiça e instituições eficazes)

Lista em detalhes no link:





## Estratégias para envolver os alunos com os ODS

1. Apresente os alunos a questões ambientais, sociais e econômicas. Isso varia de acordo com a comunidade e pode incluir, por exemplo, lidar com plásticos descartáveis, explorar empregos verdes, compreender a insegurança alimentar, entre outros temas. Encontrar parceiros comunitários é um grande passo para tornar relevantes as questões e incluir experiências práticas.
2. Use os ODS para orientar o currículo e as práticas educativas. Os educadores podem explorar a natureza próxima e a comunidade construída, natural ou cultural ao seu redor para conferir como os aprendizados das turmas podem ser usados para melhorar ou apoiar a inovação exatamente onde eles moram. Eles podem incorporar esse processo ao aprendizado do currículo – por exemplo, integrando o orçamento com base no ambiente à matemática ou trabalhando por escrito. Esta abordagem de aprendizagem baseada no local é aplicável a todos os níveis de escolaridade.
3. Forneça contexto e propósito. O aprendizado é mais poderoso quando é aplicado em determinada situação. Por exemplo, o gerenciamento de dados ganha vida quando o aluno sai da sala de aula e aprende a medir e representar a quantidade de resíduos alimentares que a própria turma gerou. Relacionar este trabalho com os ODS ajuda a tornar reais as ideias abstratas.



4. Transforme estratégias de ensino e ferramentas de pensamento. O uso de investigação, pensamento sistêmico e outras ferramentas para o envolvimento do aluno pode vincular o currículo escolar e as questões locais, levando a projetos de ação relacionados com os ODS. Isso estende o aprendizado, desenvolve habilidades práticas, fornece experiências valiosas de vida/trabalho e muito mais.
5. Adote modelos inclusivos de planejamento e tomada de decisão que considerem os ODS. Alunos, professores, pais e membros da comunidade são vozes valiosas na tomada de decisões e solução de problemas. Eles podem fortalecer relacionamentos consultando uns aos outros por meio de entrevistas, questionários ou pequenos grupos.
6. Os ODS são objetivos universais para todas as pessoas e são inerentemente globais. Aprender sobre essas iniciativas ajuda os alunos em todo o mundo a desenvolverem percepções sobre questões críticas, como falta de acesso à água potável e igualdade de gênero. Essas questões são inseparáveis da cultura, e, para verdadeiramente entender os ODS, os alunos precisam aprender também sobre o mundo ao seu redor.



# LANÇAMENTO

ANOS FINAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL

DE ACORDO  
COM A BNCC!

Levon Boligian e Andressa Alves,  
autores de obras líderes da área de Geografia!

# GEO

PRESTÍGIO E INOVAÇÃO  
EM SINTONIA COM UMA  
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA!



**GEO** é uma obra inovadora já pela própria capa – com uma **sofisticada sobrecapa em PVC** – e apresenta uma quantidade de páginas adequada à carga horária destinada ao ensino de Geografia nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Os conteúdos da coleção são organizados de modo a atender a cada uma das unidades temáticas e às respectivas habilidades da disciplina propostas pela BNCC:

- **6º ano** | Lugar, paisagem e iniciação geográfica
- **7º ano** | Território, região e espaço brasileiro
- **8º ano** | População e organização do espaço mundial
- **9º ano** | Tecnologia, meio ambiente e globalização

Destaca-se o desenvolvimento de noções e conceitos ligados ao trabalho cartográfico. Em **GEO** são abordados conhecimentos próprios da linguagem cartográfica, porém dentro do contexto dos conteúdos abordados na sequência dos capítulos, de maneira gradativa e contínua nos quatro volumes, e não de modo isolado.

## Caderno de Temas Complementares

Em cada um dos volumes desta coleção são trabalhados assuntos importantes e instigadores no Caderno de Temas Complementares. São abordagens especiais de tópicos que extrapolam o conteúdo de sala de aula, proporcionando a realização de trabalhos interdisciplinares, estudos de caso, competências gerais e experimentações. Os estudantes poderão ler os temas em grupo, e as análises propostas também podem ser utilizadas como forma de avaliação.

Diversos recursos digitais na plataforma **LEB - Laboratório Educacional Brasil**, que enriquecerão ainda mais suas aulas!

Entre em contato com o consultor de sua região ou pelo e-mail [atendimento@editoradobrasil.com.br](mailto:atendimento@editoradobrasil.com.br)



# O abandono paterno e suas consequências para a infância

Quando falta a presença física e afetiva dessa figura, as crianças podem ficar vulneráveis às vicissitudes da vida e até da rotina escolar

O substantivo “afeto” deriva do termo latino *affectus*, que, curiosamente, também é a raiz etimológica da palavra “afetar”. Com significações atuais diversas, as duas palavras têm muito a dizer uma a outra. Positivo ou negativo, no sentido popular o afeto é empregado como um sentimento intenso, com diferentes graus de complexidade. Na Psicologia, faz parte de uma das três funções mentais: afeto, cognição e volição. Já afetar significa fazer algo, agir sobre, manejar, impactar. O que as une é justamente o fazer: tanto para ter afeto como para afetar alguém é necessária uma ação, que desencadeará uma série de consequências. Observando o processo de desenvolvimento humano, os recém-nascidos são quase totalmente dependentes das ações dos pais e responsáveis. Em condições ideais, adultos os protegem do estresse conforme eles crescem, atuando como “correguladores” do comportamento e da fisiologia dos bebês por meio da ação e do afeto. Com o tempo, filhos criados sob esses preceitos assumem essas capacidades para si.

Quando falta uma peça, como a presença física e afetiva da figura paterna, essas crianças ficam vulneráveis às vicissitudes da vida, e até mesmo a escola pode se tornar um ambiente desafiador. Mesmo além do ponto em que são fisicamente dependentes, elas permanecem psicologicamente dependentes durante a infância e a adolescência, e esse “não cuidado” pode ter consequências em termos de saúde e de desenvolvimento social, psicológico, cognitivo e cerebral – o que inclui problemas de aprendizagem, como desatenção e déficits nas funções executivas, problemas relacionados aos pares (rejeição), sintomas de internalização (depressão e ansiedade), sintomas de externalização (transtorno desafiador de oposição, de conduta e agressão) e transtorno de estresse pós-traumático. Como adultos, continuam a

apresentar mais riscos de desenvolver transtornos psiquiátricos, uso de substâncias, doenças médicas graves e menor produtividade econômica. Parece absurdo relacionar tudo isso, mas, tanto em ausência como em presença, o afeto afeta.

Segundo Marta Relvas, professora, Doutora em Psicanálise e Especialista em Neurociência, os vínculos estão mudando e a figura da família tradicional se dissolve, mas a questão do afeto ainda permeia a responsabilidade e, mais ainda, o sentimento de pertencimento. Assim, o pai é extremamente importante para a construção da personalidade de uma criança, e não necessariamente precisa morar na mesma casa que ela, mas precisa estar participando de sua vida. “O importante é construir o vínculo do carinho e do cuidado. A gente tem famílias que são formadas diante de dois homens, duas mulheres, e que exercem a sua paternidade e maternagem em uma relação afetiva”, afirma Marta, observando que as crianças reconhecem o poder do amor no sentimento de ser escolhido.



Nesse sentido, a palavra “abandonar” remete ao rejeitar, que ocasiona uma mudança nas estruturas do cérebro, trazendo medo em muitos caminhos. “É por isso que, muitas vezes, esse indivíduo ao crescer mantém relacionamentos abusivos e tóxicos, pois ele acaba aceitando a rejeição do outro como amor”, completa.

### O ensino socioemocional começa em casa

A afetividade dos seus entes é o primeiro olhar do mundo sobre o bebê e é por ele que a criança começa a desvendar as estruturas ao redor. Citando a amamentação como uma das principais trocas de afeto, pode-se notar no tato, no olhar, nos sons toda a ligação criada instantaneamente entre mãe e bebê. Mas quando a paternidade começa a ser exercida? Ser pai, assim como ser mãe, é um papel construído ao longo da História e sob preceitos das regras sociais de cada época; mesmo na modernidade, ainda é uma figura relegada ao biológico e com funções pouco debatidas. Para Marcos Piangers, escritor e palestrante sobre tecnologia e inovação, criatividade e paternidade, antes de discutir o abandono paterno, a sociedade precisa enxergá-lo como problemática. “A gente discute muito pouco a naturalidade com que os homens são criados para conquistar amores e depois, quando esse relacionamento exige maior responsabilidade, quando chega um filho, se furtam deles. Isso pode acontecer em casos mais extremos, como foi o da minha mãe (o meu pai biológico realmente desapareceu), mas também pode acontecer de outras formas: com um pai que é meio presente, meio ausente; ou com um pai que é totalmente presente, mas não participa, apenas se considerando um pagador de contas, ou seja, ele não se percebe como um cuidador”, aponta.

Piangers lembra que ainda é preciso que o homem se perceba nesse lugar e, a partir daí, mude a vida familiar. “Essa percepção transforma a vida da criança, que cresce com perspectiva por ter mais um cuidador afetivo e atento; transforma a vida da esposa, que não precisa fazer tudo sozinha – cuidar das questões de casa, da educação e da saúde do filho –, e transforma a vida do próprio homem. Sabemos, por comprovação empírica e científica, que quem participa e cuida tem uma vida mais saudável, equilibrada e até mais longa. Quando a gente diz que o homem é só um provedor e não é um cuidador, está o colocando em uma posição autodestrutiva e tóxica”, diz. Os pais – aqui tanto pai quanto mãe – têm um papel duplo a desempenhar na criação de uma criança autoconsciente e que sabe controlar suas emoções, tomar decisões responsáveis e resolver conflitos de maneira não violenta. Em disciplinas voltadas para o ensino socioemocional, empregar esses conceitos na escola ajuda, mas ainda não soluciona as questões internas dos estudantes. É importante entender que a escola não faz esse processo sozinha; ela precisa de uma parceria com a família.

Relva lembra que ensino socioemocional não é passar para a escola a responsabilidade de desenvolver e compreender o reconhecimento das emoções; a criança já precisa frequentar as aulas em contato com o campo de experiência emocional. “É claro que a escola tem uma função primordial, porque é um local de convivência, onde a gente também aprende sobre respeito, mas será que realmente pensar em emoção começa aí ou desde o momento da minha concepção enquanto feto e na aceitação desse pai e dessa mãe no meu processo de desenvolvimento?”. Na mesma toada, Piangers, que é pai de duas meninas, de oito e 16 anos, entende que a escola pode contribuir muito com todo amor, afeto e pedagogia de que esse ambiente dispõe, mas parte da família dar prioridade para as emoções dos estudantes. “A escola não é uma caixa de concreto onde a gente deixa os nossos filhos de manhã e pega no final do dia, e eles vão sair formados e perfeitos. Não é um depósito de crianças, é uma parceira não substitutiva da presença do pai e da mãe”. Em sua própria casa, ele aplica uma metodologia que busca desenvolver o que chama de “cinco Cs”: autoconhecimento, comunicação, criatividade, colaboração e consciência coletiva. Logo, apesar de existirem muitas maneiras pelas quais os pais podem afetar e encorajar um comportamento emocionalmente inteligente em seus filhos, a mais efetiva delas é participar de suas vidas, com afeto e com ação.



# Educação Infantil em tempos extraordinários

## Pandemia traz desdobramentos e consequências diferentes para cada faixa etária

A pandemia da Covid-19 resultou em mudanças monumentais na Educação em todo o mundo. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), quase 90% da população estudantil mundial – mais de 1,5 bilhão de alunos em 165 países – teve suas experiências de aprendizagem interrompidas por precauções e políticas implementadas para conter a propagação da doença. Da Educação Infantil ao Ensino Médio, adotou-se o uso de plataformas para aulas *online*, porém, fato é que estudar em casa afeta as crianças e jovens de maneiras diferentes, dependendo da idade. Os primeiros anos escolares visam fornecer experiências sensoriais da vida real, atividades práticas e interações face a face significativas, que são difíceis de alcançar virtualmente.

Muitos dos comportamentos das crianças têm um elemento lúdico – desde brincadeiras com os dedos, jogos de movimento e construção com blocos até a dramatização e o faz de conta. Uma escola que ignora esses elementos ignora o poder dessa linguagem, que é própria da idade e que, portanto, é estimulante e alfabetizadora. Jean Piaget, renomado psicólogo e teórico do desenvolvimento infantil, afirmou: “Nosso verdadeiro problema é pensar qual o objetivo da educação. Estamos formando crianças que só são capazes de aprender o que já sabemos? Ou devemos tentar desenvolver mentes criativas e inovadoras, capazes de serem descobertas desde a idade pré-escolar, ao longo da vida?”. Diante desse pensamento, como formar crianças criativas e aptas a solucionar problemas em um mundo sob o efeito da pandemia?

Para Rogério de Melo Morais, Especialista em Gestão Educacional e Diretor Executivo do PIPA (Primeira Infância, Plantar Amor), o que não pode faltar de jeito nenhum na Educação Infantil é a chance de brincar e se

relacionar com os outros. “Inclusive, um brincar livre que tenha uma intenção, que tenha um planejamento do professor, obviamente conduzindo e facilitando o processo. Brincar é muito importante, é a principal estratégia de aprendizado. Feita com um planejamento e intenção, é a essência para tudo o que a gente puder imaginar no segmento e, inclusive, de todos os Campos de Experiências da nova Base Nacional Comum Curricular e de tudo que a gente puder falar sobre alfabetização e letramento”, aponta ele.

### No processo de alfabetização, ser criança é fundamental

Brincar é a característica definidora do desenvolvimento humano: o impulso está embutido em nós e não pode ser suprimido. Vemos a assinatura da experiência da primeira infância literalmente no corpo das pessoas. Segundo um estudo do *Harvard Center on the Developing Child*, experiências iniciais positivas levam a uma expectativa de vida mais longa, melhor saúde geral e maior capacidade de controlar o estresse. Além disso, as habilidades socioemocionais de longo prazo são mais robustas quando as crianças têm a chance de aprender brincando, de formar relacionamentos profundos, e quando seus cérebros em desenvolvimento têm a chance de se desenvolver em um ambiente estimulante, rico em linguagens e relativamente calmo – o que, no ensino remoto, é extremamente difícil de reproduzir.

De acordo com Joyce Rosset, Especialista em Educação, Consultora e Formadora de Educadores, o ensino *online* para a Educação Infantil funcionou apenas em casos específicos. “As boas escolas conseguiram fazer uma adequação muito grande entre o que acontecia presencialmente e o que acontece no síncrono, conseguiram alfabetizar as crianças e mantiveram essa



interação ‘se virando nos trinta’ mesmo”. Para ela, o assíncrono não funciona junto a esse segmento pois não mantém o básico: a interação com o professor, olho no olho, no limite do que a tela permite.

### A pandemia expôs a necessidade de também educar as famílias

Por mais incrível que pareça, as famílias precisam ser educadas em relação ao que é a Educação Infantil. Rosset aponta que, na pandemia, criaram-se dois grupos. O primeiro é formado por pais e responsáveis que conseguiram se desarmar e fazer uma escuta sincera do que estava acontecendo com suas crianças nessa interação entre eles e as escolas e que puderam entender a profundidade e amplitude do trabalho que é feito. Do outro lado, surgiu um grupo de pais que acha que a criança vá para a escola para passar tempo, ser cuidada e alimentada, e espera que ela volte todos os dias para casa com uma folhinha de exercícios a serem resolvidos. “A pandemia expôs o problema da relação família e escola, que precisa de um empenho no sentido de mostrar ao pai, à mãe ou a qualquer outro responsável aquilo no que se acredita hoje, a concepção contemporânea de criança e de criança na escola”, complementa.

Para ela, a dica para sair desse momento vislumbrando um futuro promissor para a Educação Infantil é a formação para os professores, e que ela não fique só no superficial, pensando, também, no dia a dia. Ter um acompanhamento da prática pedagógica reflexiva para poder entender como as novidades serão de fato incorporadas é primordial. “Não adianta ir só fazer palestra, ler teorias, e não avaliar a própria prática. A gente já sabe que a reflexão é o que qualifica o trabalho pedagógico”, conta Rosset. Nesse sentido, Morais lembra que a Educação Infantil necessita de um planejamento ainda maior do que é empregado nas outras etapas por parte do professor, isso porque não se trabalha com o tradicional e passivo, já que crianças estão constantemente inquietas, em movimento e precisam, mais do que nunca, estar no centro do processo ativo. Para ele, a BNCC pode ajudar, já que facilita o trabalho ao trazer direções e facilitar a sintonia da escola com as famílias, à medida que elas, também, conheçam quais são os parâmetros propostos. “Esses instrumentos são provocadores de alinhamentos e facilitadores da relação entre escola e família e das expectativas sobre o processo”, conclui.



# Trabalhar em casa ou morar no trabalho?

## Como se desligar da rotina durante a quarentena

**Q**uando as escolas fecharam, alunos, professores e famílias precisaram se adaptar à nova realidade. Aulas remotas, ensino *online*, aplicativos, ferramentas digitais, atividades síncronas e assíncronas... Tanta coisa mudou, tantas iniciativas precisaram ser tomadas, e parece até que a escola invadiu os lares. Aliás, os professores que o digam! Se antes suas casas eram lugar para descanso, agora são também sala de aula, de planejamento e de atividades, verdadeiros laboratórios. Mas como se desligar de tudo isso? Como ter momentos de descanso em meio a essa nova realidade?

Embora pareça difícil separar lazer do trabalho, ainda mais para quem não tem muito espaço para montar um estúdio de gravação ou um escritório, algumas pequenas atitudes e hábitos podem ajudar os professores a ficar *offline* e descansar entre uma atividade e outra.

Fernando Calderan, psiquiatra, explica que respeitar intervalos, por exemplo, é uma atitude imprescindível.

“Fazer uma pausa entre uma aula e outra é importante para que o corpo e a mente se recuperem. Respeitar os horários de descanso, aliás, é essencial para que os professores não sucumbam à ansiedade e ao esgotamento”.

Outra recomendação do Dr. Calderan é aproveitar alguns minutos do dia para fazer alongamentos. “O ato de alongar o corpo colabora não só para a flexibilidade, como também alivia a tensão muscular e diminui dores de cabeça”, diz. E se a ordem é respeitar os horários de descanso, nada melhor do que praticar algumas atividades relaxantes entre uma aula e outra e aos fins de semana.

### **Medite!**

Depois de um dia intenso de trabalho, quem nunca se sentiu com a cabeça cheia? A cena é comum e não é difícil deixar de se identificar com ela: ideias vão surgindo, memórias do que aconteceu nas aulas, um monte de pensamentos desorganizados, acabando

por nos gerar ansiedade. Para o Dr. Calderan, essa é a hora de parar e desacelerar, olhar para dentro de si e depois continuar com o dia. “Reservar alguns minutos para meditar é importante, deixar a mente livre e se desligar de todas as pressões. Pode parecer difícil nos primeiros dias, mas, aos poucos, vira um hábito, e o relaxamento fica mais fácil”, recomenda.

### Beba água!

Pode parecer uma atitude simples demais para ter um grande impacto sobre o estresse que os professores têm enfrentado com a pandemia de Covid-19. No entanto, o clínico médico Dr. Ramiro Camacho, explica que o ato de ingerir água diminui o hormônio cortisol, responsável pelo estresse. “Há diversos benefícios em manter o hábito de consumir o líquido em boas quantidades. Eles se referem à saúde do cérebro, já que proporcionam um sono melhor, e de todos os outros órgãos, que tendem a funcionar melhor quando hidratados”, explica.

### Por falar em sono... Durma!

Muita gente acha que dormir é uma atividade que visa apenas diminuir o cansaço. Contudo, muito mais do que isso, o sono é um importante regulador do corpo, minimizando, por exemplo, o efeito do hormônio cortisol. “Há várias pesquisas que demonstram que quem tem privação de sono corre mais risco de ser acometido por doenças cardiovasculares, depressão, diabetes e câncer. Dormir entre seis a oito horas é imprescindível para o ser humano adulto, e o sono deve ser respeitado se o objetivo é ter qualidade de vida”, afirma o Dr. Camacho.

### Não faça nada

Ficar sem fazer nada não é pecado, muito menos crime. Aliás, tanto o Dr. Calderan como o Dr. Camacho concordam que ficar sem fazer nada pode ser positivo para a mente e o corpo. “Muitas pessoas se queixam de cansaço, de estarem sempre ocupadas. Sentem-se, também, culpadas se resolvem passar 30, 60 minutos sem fazer nada, quando, na verdade, dar essa pausa é importante para o descanso físico e mental. E não há motivo para se culpar, nós não somos máquinas, não precisamos produzir durante todo o tempo em que estamos acordados”, diz o psiquiatra.

## Experimente!

**Aprenda um hobby:** são tantas as opções para se afastar das telas. Que tal aprender crochê, bordado, macramê? Ou até mesmo se arriscar na marcenaria ou na cozinha? A ideia é deixar as interações *online* de lado e investir em *hobbies* que estimulem a criatividade, mas sem que se tornem massivos ou obrigatórios.



**Ioga:** fazer exercícios físicos pode não estar na sua lista de prioridades neste momento, mas eles são importantes, inclusive, para a manutenção da imunidade. A ioga é uma alternativa atraente para quem visa ao bem-estar, já que ela trabalha músculos e articulações, alonga o corpo e ainda propicia relaxamento mental. Atualmente, é possível encontrar aplicativos, sites e grupos *online* de praticantes.



**Mude as coisas de lugar:** nem sempre é possível fazer uma reforma e começar tudo do zero. Porém, para dar um ar de novo para o ambiente, que tal mudar as coisas de lugar? Talvez pintar uma parede e testar uma cor diferente? O importante é se envolver em um projeto que tenha o resultado única e exclusivamente voltado para você.



# Os desafios da educação inclusiva em tempos de pandemia

Um ano após o início da pandemia de Covid-19, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) estima que quase metade dos estudantes em todo o planeta ainda é afetada pelo fechamento total ou parcial das instituições de ensino. Em meio às crises sanitária e econômica, é preciso voltarmos nossos olhos, também, aos desafios da manutenção de uma educação inclusiva nas escolas e, principalmente, no ensino remoto.

Diogo Freitas, advogado e consultor de inclusão, é pai de Diogo Filho, diagnosticado com autismo aos dois anos, em 2014. Ele conta que uma das percepções que tem como pai e especialista na área é que as famílias sentem falta dos materiais pedagógicos e de planos adaptados às crianças. “Já os alunos sentem falta da própria escola e dos amigos”.

A rotina de Diogo Filho com o pai e a mãe, Michelli Miguel de Freitas, inclui intervenções de análise de comportamento aplicada (método ABA, *Applied Behavior Analysis*) e *homeschooling*. “Seguimos os conteúdos obrigatórios em casa, sucessivamente, pela manhã e à tarde. Ao fim do dia, praticamos natação para

melhorar o condicionamento físico e motor”, conta Michelli, que é analista do comportamento, especialista em autismo e diretora do Instituto de Educação e Análise do Comportamento (IEAC).

Para a família Freitas, a estrutura e o tempo dedicados à educação do filho torna a rotina mais leve durante a pandemia. “A maior dificuldade dos autistas é generalizar, isto é, aceitar as aulas em casa. Para eles, escola é na escola, e quanto mais durar essa situação, mais difícil será retomar o caminho de volta, a criação do vínculo e a aceitação do ambiente”, relata Michelli.

## Sem deixar ninguém para trás

Liliane Garcez, Mestre em Educação e coautora do livro “Educação Inclusiva de Bolso: o desafio de não deixar ninguém para trás” (**Editora do Brasil**), explica que a ideia central da educação inclusiva é que a educação é um direito humano do qual ninguém pode abrir mão. “A construção de uma educação inclusiva é, assim, um processo mundial de aprimoramento da educação. Atualmente, a Agenda 2030, proposta pela Organização das Nações Unidas – ONU, estabelece



alguns objetivos de caráter global, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – ODS. Nela, o ODS 4 aponta ser obrigatório assegurar para todas as pessoas uma educação inclusiva, equitativa, de qualidade, sem deixar ninguém para trás ou de fora”, afirma.

Para ela, o trabalho cotidiano dos educadores é instigar, induzir e provocar a geração de mudanças nos contextos escolares, rompendo barreiras e mudando a cultura. “Ainda estamos imersos numa cultura que impõe barreiras e, por vezes, ainda questiona se a escola é lugar onde estudantes com e sem deficiência devem estar para aprenderem juntos”, diz.

A especialista explica que, para romper com esse e outros preconceitos, a educação inclusiva nos instiga a trabalhar coletivamente, tornando acessibilidade e desenho universal, entre outras questões, pontos centrais do fazer pedagógico, ampliando repertórios do planejamento à avaliação de maneira a não deixar ninguém para trás. A condução da educação sob a perspectiva da inclusão tem a ver, portanto, com o apropriado cumprimento da função social da escola com qualidade. Sua base é a relação entre informação e a convivência. Como a escola é o lugar que melhor reflete as condições de inclusão que marcam nossa sociedade, uma escola inclusiva é a chave para uma sociedade inclusiva.

O fato é que atentar para a diversidade é um exercício contínuo de humanização da nossa percepção. “(Trata-se de) um processo ao qual precisamos estar atentos cotidianamente. Como sabemos, nossa sociedade se estruturou de forma machista, sexista, racista e capacitista. Quero dizer com isso que não são os outros que têm preconceitos. Somos todas e todos nós! E esse não é um problema em si. Passa a ser um problema quando decidimos não fazer nada a partir dessa constatação”, aponta.

### Os efeitos da pandemia na educação inclusiva

Liliane e Gabriela Ikeda já haviam escrito metade da obra “Educação Inclusiva de Bolso” quando a pandemia atingiu o Brasil – e, com ela, também surgiu a necessidade do isolamento social. Para Liliane, o desafio para os educadores foi ainda maior, já que era – e ainda é – preciso dar continuidade aos processos de escolarização de estudantes em todo o mundo de modo remoto. “Diante das mais diversas e adversas situações, nos esforçamos para dar respostas que considerassem todos, sem exceção. E esse não é justamente o princípio básico da inclusão? Lidar com as diferenças humanas, físicas, sensoriais, intelectuais e mentais como características, e não como defeitos ou faltas, e trabalhar a docência e a gestão a partir da noção de diferença, e não de um estado imaginário de normalidade de corpos e relações?” reflete.

A inclusão, acima de tudo, nos convoca a colocar nosso desejo e nosso saber em prol de todos os estudantes, seja na gestão escolar, seja na prática pedagógica da sala de aula. Por isso, Liliane e Gabriela decidiram concluir o livro com um último desafio: ler o isolamento social a partir do conceito de barreira. “Ao propormos e fazermos esse exercício, nos sentimos imediatamente impulsionadas a pensar e pôr em prática estratégias diferentes de atuação enquanto educadoras. Tivemos que dialogar, trocar, interagir, pesquisar, acertar e errar”.

Ao longo da produção da obra, segundo Liliane, foi necessário colocar a informação a serviço de cada leitora e leitor, procurando chamar ao diálogo e mobilizar a reflexão sobre como são fundamentais os aspectos relacionais, uma vez que a educação envolve pessoas com e sem deficiência.



# VITRINE LITERÁRIA

Um bom livro sempre será um excelente companheiro nessa maravilhosa viagem pelo mundo das descobertas, da ampliação de repertório e da reelaboração das diversas formas de pensar e agir.

**Conheça alguns dos lançamentos de literatura da Editora do Brasil.**



A partir de **8 anos**

**Assuntos:** Isolamento Social, Pandemia.  
**Tema transversal:** Saúde.

## AMANDA NO PAÍS DO ISOLAMENTO

*Coleção Aventuras de Amanda*

Amanda gosta de descobrir coisas novas. Basta um novo assunto aparecer, que ela já está pesquisando e desbravando novos conhecimentos. Mas quem poderia prever que a humanidade enfrentaria uma pandemia? Agora, em isolamento, ela irá descobrir um novo jeito de ir à escola sem sair de casa e de curtir os amigos à distância. Além, é claro, de ajudar a esclarecer várias dúvidas sobre vírus, a importância da ciência, das vacinas e do respeito! Venha participar de mais uma aventura com Amanda com este livro atual e atemporal sobre saúde, relações humanas e se adaptar a todos os tipos de situação.



A partir de **8 anos**

**Assuntos:** Família, Brincadeiras.  
**Temas transversais:** Ética, Trabalho e Consumo.

## A DELICIOSA E MISTERIOSA CAIXA

*Coleção Retratos da Imaginação*

A tia Lu chegou para o jantar e trouxe uma caixa misteriosa. Os sobrinhos, claro, ficaram muito curiosos. O que poderia ser? Um quebra-cabeça, um jogo, uma coleção de lápis de cor? Poderia ser qualquer coisa boa, já que a tia Lu é dessas tias que todos os sobrinhos amam. A revelação não demorou muito para vir: a caixa continha uma deliciosa sobremesa! Mas ninguém naquela casa comum e feliz suspeitava o quanto aqueles doces transformariam suas vidas e de outras pessoas. Uma história divertida e repleta de fantasia sobre família, brincadeiras, respeito, amadurecimento e recheada daqueles momentos perfeitos para adoçar nossas vidas.



A partir de **8 anos**

**Assuntos:** Imaginação, Velhice.  
**Temas transversais:** Saúde, Pluralidade Cultural.

## A BISA E AS BOTAS DE DINOSSAURO

*Coleção Cometa Literatura*

A ligação entre bisavós e bisnetos hoje em dia é uma coisa muito bonita de se ver. A menina protagonista dessa história tem uma bisavó muito bacana, mas que está cada vez mais fraquinha e precisando de cuidados. No hospital, ao visitar a bisa tão amada, a menina se encanta e se diverte com os aparelhos e acessórios que os pacientes têm de usar. Com muita imaginação, essa criança enxerga a realidade com olhos mais leves e ajuda os adultos a se preparem para uma despedida difícil. Uma narrativa emocionante sobre amor, família, afeto, tempo e vida aguarda os leitores deste sensível livro.

## FREDERICO, FREDERICO...

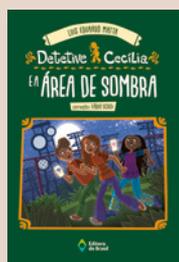
*Coleção Cometa Literatura*

Um garoto esperto e teimoso que consegue enxergar o mundo de uma forma especial. Para Frederico, menino serelepe e questionador, o mundo não é feito de obstáculos, mas de oportunidades. Sim, Frederico crê que para tudo nessa vida há jeito. Ele encafifou que quer ser doutor. E, quando Frederico coloca algo na cabeça, não tem quem tire ela de lá! Nem mãe nem pai nem avô nem avó... E porque não? Uma criança pode ser o que quiser quando crescer, não é mesmo? É só acreditar! Uma belíssima reflexão sobre identidade, negritude, racismo e empoderamento aguardam os leitores deste livro.



A partir de **8 anos**

**Assuntos:** Diversidade, Superação.  
**Temas transversais:** Trabalho e Consumo.



A partir de **10 anos**

**Assuntos:** Mistério, Tecnologia.  
**Tema transversal:** Pluralidade Cultural.

## DETETIVE CECÍLIA E A ÁREA DE SOMBRA

*Coleção Detetive Cecília*

Estamos tão acostumados a usar o celular, a internet e o computador para tudo, que fica até difícil imaginar uma “área de sombra”. Imagine só: um lugar sem sinal de telefone e sem internet. Interessante? Desesperador? A nossa Detetive Cecília até que gostou, mas como isso aconteceu é um mistério tentador demais para ignorar. O que estará por trás de mais essa confusão no Condomínio Quinta do Riacho? Acompanhe Cecília, Mariela e Bernardo em uma nova investigação eletrizante e cheias de reviravoltas.



A partir de  
**11 anos**



**Assuntos:** Amizade,  
Inteligência Emocional.

**Temas transversais:**  
Pluralidade Cultural, Ética.

## 1 MILHÃO DE MISTÉRIOS

Série Cabeça Jovem

O Colégio João Cabral de Melo Neto já foi palco de diferentes histórias, algumas sobre ansiedade, outras sobre depressão. Todas elas, no entanto, têm em comum amizade e superação. Não poderia ser diferente com este novo livro que encerra a série Cabeça Jovem. Alan sofre com sua baixa autoestima e excessiva timidez; Duda luta contra momentos paralisantes de puro pânico. Ambos se sentem sozinhos, isolados e sem esperança. Porém, a escuridão não é páreo para a amizade e, juntos, os dois descobrirão a força que têm dentro de si.



A partir de  
**14 anos**



**Assuntos:** Amizade,  
Baixa autoestima.

**Temas transversais:**  
Pluralidade Cultural, Saúde.



A partir de  
**14 anos**



**Assuntos:** Escravidão,  
Poesia.

**Temas transversais:**  
Pluralidade Cultural, Ética.

## O PEQUENO PRÍNCIPE/ THE LITTLE PRINCE

Coleção BiClássicos

Lá no céu há várias estrelas, diferentes planetas e até asteroides. Em um desses asteroides vive um pequeno príncipe que cuida muito bem de seus vulcões (até aquele que está inativo, porque nunca se sabe) e de sua rosa. Ele quer explorar o espaço e descobrir o que mais os céus podem oferecer. É o início de uma aventura! Em edição bilingue em português e inglês, Telma Guimarães traz aos leitores fascinados por boas histórias mais um clássico da literatura internacional.



A partir de  
**14 anos**



**Assuntos:** Família,  
Resolução de conflitos.

**Tema transversal:** Ética.

## AINDA ASSIM TE QUERO BEM

Coleção Farol

No passado, Ana Lúcia tomou uma decisão muito difícil para viver um grande amor: deixar sua filha com o pai e perder completamente o contato com a menina. Muitos anos se passaram, e o arrependimento começou a brigar com a certeza de ter tomado uma decisão boa para si. Ao olhar para a tela do computador e ver na internet o perfil da filha, agora já com 15 anos, decide entrar em contato e, a partir daí, muita coisa precisará ser explicada. Um livro inteiramente composto por trocas de mensagens que explora diferentes pontos de vistas sobre o poder do perdão e as relações humanas que nos definem.



A partir de  
**14 anos**



**Assuntos:** Ética, Política  
**Temas transversais:** Trabalho  
e Consumo, Ética.

## A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

Coleção Farol

O trabalho pesado, os maus tratos, a falta de liberdade, o desrespeito aos direitos básicos... Um dia, os trabalhadores resolveram dizer “basta” e deram início a uma revolução, expulsando de vez seu carrasco para bem longe! Infelizmente, o paraíso de justiça e igualdade com que sonharam não passou de uma grande ilusão. Claro que, neste livro, os trabalhadores são animais e os líderes do novo regime, porcos. Uma fábula satírica, genialmente criada por George Orwell, aclamada mundialmente e que chega em uma edição super especial para os leitores da Editora do Brasil. Um clássico da literatura internacional, agora com exclusiva tradução do escritor Eric Novello e design e ilustrações de Gustavo Piqueira. Bem-vindos à Fazenda dos Animais e embarquem nessa narrativa que sacode o mundo há décadas!

Conheça mais obras  
da **Editora do Brasil**.

[www.editorado brasil.com.br](http://www.editorado brasil.com.br)





# Evento exclusivo da Editora do Brasil reúne educadores e palestrantes em debates contemporâneos

Em março, o *Conexão Didática* levantou diversas questões a respeito do afeto, sua necessidade e posição na Educação em um mundo sob os efeitos da pandemia

**A**lém de seu amplo catálogo de títulos literários e didáticos, a **Editora do Brasil** busca atender às constantes demandas dos educadores e gestores do país oferecendo uma gama de soluções diversificadas. Uma delas é o *Código Promocional*, voltado para as escolas que precisam de outros meios além de matrículas e mensalidades a fim de conquistar recursos financeiros.

Como essa solução funciona? Simples! A escola que adotar as coleções da editora e aderir à solução ganha um desconto diferenciado sobre os livros e pode repassar parte dele para os pais ou responsáveis. Em contrapartida, a instituição receberá uma bonificação. Ou seja, ambos os lados ganham com esse processo, que já beneficiou mais de 800 escolas e 115 famílias.

Mas estas não são as únicas vantagens da solução educacional da **Editora do Brasil** para as instituições escolares. Como parceiras do *Código Promocional*, elas também têm acesso a ações exclusivas. Uma delas é o evento **Conexão Didática**. A última edição, que ocorreu em uma transmissão *online* no mês de março, reuniu profissionais renomados em torno de debates educacionais imperdíveis sobre diversos temas trazidos à tona pela pandemia. Quem pôde assistir às conferências contemplou momentos únicos. Viviane Mosé, Mestre e Doutora em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), abriu o evento falando sobre como o afeto não tem mais valor no mundo, mesmo que sua troca produza mais do que alegria e influencie até a saúde. Mais do que com abraços, promovendo olhares e fala realmente dedicadas, um educador pode fazer toda a diferença na vida de seus estudantes.

Eduardo Shinyashiki, palestrante internacional, Especialista em Comunicação Verbal e Não Verbal e no desenvolvimento das competências socioemocionais e de liderança, abordou o tema “Vencendo desafios e construindo uma nova realidade na educação”. Em sua fala, tratou do tema inovação na pandemia, que foi debatido dentro de toda sua glória e tragédia, exigindo dos educadores a grande e simples ação de acolher sem julgar tanto a si mesmo como ao outro. Shinyashiki falou também das experiências desestabilizantes e de como elas afetam a vida das crianças, gerando sentimentos conflitantes, especialmente em um mundo perturbado pela Covid-19, no qual as pessoas tendem a olhar mais para a morte do que para o amor.

Além desses dois especialistas, o evento contou também com Gina Vieira Ponte, Mestre em Linguística e Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar e em EaD, comentando os dez aprendizados de 2020 que podem nos ajudar a qualificar o ensino remoto, e com Marcos Piangers, escritor e palestrante sobre tecnologia, inovação e criatividade, que discutiu o tema “Protagonismo e felicidade – A mudança que você faz no mundo”.

Muitos profissionais não têm noção de como são importantes na vida de quem ensinam e, ainda assim, seguem na ativa, fazendo a experiência humana ser profunda, inspirando crianças e adolescentes para que estes possam sonhar com um futuro grandioso. Por fim, o fio condutor e mensagem final do evento, muito atual, permeou tanto o socio quanto o emocional dos educadores, gestores, estudantes e famílias.

Conheça outras soluções da Editora do Brasil:

**Assessoria pedagógica:** orientações e suporte às instituições educacionais para garantir a implantação correta dos materiais adotados, otimizando o uso dos livros didáticos em sala de aula;

**NetLit - plataforma de livros digitais:** o custo mensal do acesso ao NetLit é menor do que o de um livro impresso, e as escolas podem escolher se oferecem a assinatura aos pais ou a indicam como opcional, repassando o valor à mensalidade dos estudantes;

**Coleção de Bolso:** obras que abordam os temas da Educação mais discutidos na atualidade, como o Novo Ensino Médio, marketing escolar e competências socioemocionais;

**Podcast Arco43:** semanalmente, às quartas-feiras, o programa divulga informações atuais sobre temas relevantes e tendências na área da Educação, com entrevistas e depoimentos de especialistas referentes aos assuntos discutidos.

# Em meio à pandemia, vai ter Novo Ensino Médio?

Implementações seguem em curso, passo a passo, apesar dos desafios trazidos pela Covid-19

Homologada em 2017, a Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do Ensino Médio. Entre suas principais novidades estão a ampliação do tempo mínimo do estudante na escola, de 800 horas para mil horas anuais, e a definição de uma nova organização curricular, mais flexível e que contemple a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), assim como a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os chamados itinerários formativos, com foco nas áreas do conhecimento e na formação técnica e profissional.

O chamado Novo Ensino Médio deve ser implementado em escolas de todo o país até março de 2022 e tem como objetivo garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros. Para a especialista Bruna Caruso, que atuou na Frente Currículo e Novo Ensino Médio do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), hoje existe um Ensino Médio que não ensina e não é atrativo, a ponto de o jovem abandonar a escola. “Se a gente olhar para os nossos dados nacionais de Ideb, Saeb, aprendizagem, proficiência e evasão, vai perceber uma grande catástrofe. Temos índices de aprendizagem matemática e de Língua Portuguesa assustadores, e uma evasão que vai aumentando cada vez mais, quando se olha comparativamente dos Anos Iniciais até o Ensino Médio”.

Segundo ela, nessa nova experiência pedagógica, há uma tentativa de aproximar as escolas da realidade dos

estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade, tornando-as mais significativas, atrativas e conectadas ao projeto de vida dos alunos. Só que chamar de nova essa visão de estudante no centro do processo de aprendizagem é um tanto errado para Bruna, já que existem muitas experiências, principalmente das escolas integrais no Nordeste, mostrando resultados positivos de aprendizagem e redução de evasão escolar. O Novo Ensino Médio é, então, uma expansão de visões, metodologias e práticas que acolhem a contemporaneidade com mais qualidade.

## Como a reforma tem sido vista nas escolas?

Entre as principais dúvidas dos educadores sobre a reforma do Ensino Médio, Bruna identifica que há grande dificuldade sobre como trabalhar com a integração de áreas do conhecimento. Para ela, cabe às redes formarem os professores de modo mais aprofundado. “E não só no ‘que aula eu dou, quais habilidades vou desenvolver nos meus estudantes’, mas também no ponto de vista do ‘como’, porque esse é um elemento que a reforma traz com muita força”. Outra grande dúvida permeia a qualidade de preparação desse jovem para prestar o Enem e outros vestibulares, pois o Ensino Médio é novo, mas esses exames ainda não são. Bruna diz que essa resposta começa no fato de que está mais do que na hora de o vestibular olhar para o currículo da escola, e não o contrário. “É um movimento inverso



que precisamos fazer, de ter o currículo da escola, que é o que olha para o estudante, que o pensa naquela etapa, e aí, assim, a universidade pensar o seu vestibular”. Ela conta que em São Paulo já há uma articulação com Unesp, Unicamp, USP e outras universidades para pensar uma adaptação.

### Pandemia e novos desafios

O principal desafio para que se cumpra o prazo de adequação da reforma do Ensino Médio, no geral, é logístico e operacional, principalmente na rede pública. A escola agora tem de pensar como ofertar três mil horas, como organizar a atribuição dos professores para que um profissional que antes ministrava apenas uma disciplina passe a trabalhá-la junto aos outros docentes de determinada área do conhecimento. Além disso, há um desafio formativo de preparar todos os educadores para pensar esse currículo sob uma nova perspectiva, e, como em qualquer processo de política pública, tal reforma é gradual e caminha passo a passo.

Em 2020, houve a reelaboração curricular, e, atualmente, os estados encaminham seus referenciais para apreciação dos Conselhos Estaduais de Educação. Entretanto, com a pandemia, uma desaceleração foi necessária, em prol de focar em desafios emergenciais, como o ensino remoto e o híbrido, o atendimento aos estudantes e todas as medidas necessárias para lidar com esse contexto. “As equipes têm tentado manter todos os pratinhos equilibrados, mas a gente sabe que é muito desafiador. Em 2019, houve um baita crescimento do ponto de vista de ‘estamos pensando a reforma’; já em 2020, o foco foi muito mais ‘vamos elaborar o currículo, que é o que a gente consegue dar conta agora, para, no ano que vem, pensarmos no próximo passo’”, completa Bruna.

### Evasão escolar desperta alerta

2021 chegou, e com cenários futuros preocupantes para a educação. Segundo dados do estudo “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar”, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF),

a quantidade de alunos brasileiros entre 6 e 17 anos que abandonaram as instituições de ensino de 2020 para cá foi de 1,38 milhão, o equivalente a 3,8% dos discentes brasileiros. A taxa é superior à média nacional de 2019, quando ficou em 2%, segundo dados da PNAD Contínua. Além disso, mais de 620 mil jovens abandonaram de vez os estudos, principalmente os alunos do Ensino Médio e dos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Bruna, que é uma das grandes defensoras da reforma, acredita que agora é mais do que necessário implementá-la, para que o Novo Ensino Médio seja de fato atrativo e se evite uma tragédia muito maior. “Se eu sei que eu tenho a possibilidade de cursar um itinerário técnico e profissional, sair com um certificado de formação inicial e continuada (FIC) ou técnico ou mesmo cursar um itinerário que faça mais sentido para aquilo que eu realmente gosto, é mais interessante do que o que vejo hoje, que não está dialogando com a minha realidade. É muito fácil evadir quando algo não te interessa, não te cativa, não te engaja. Acho que a gente tem que aproveitar esse momento para implementar e tentar mitigar os impactos futuros”. As mudanças, inclusive, abrem espaço para a possibilidade de educação a distância, principalmente no que tange aos itinerários formativos, reservando 20% de carga horária EaD para as escolas regulares e 30% para o período noturno.

O Ensino Médio é valioso por muitos motivos, e principalmente por ser a última etapa da escolarização básica dos jovens brasileiros, ou seja, o último momento de baixo risco na vida de uma pessoa, quando ela pode aprender, explorar e até mesmo se envolver em uma variedade de assuntos e atividades antes de entrar no mundo do Ensino Superior e do trabalho. Pensar uma formação geral comum, que permita aos estudantes descobrir e desenvolver interesses e aptidões, além de capacidade de raciocínio e pensamento crítico, bem como promover a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade, é mais do que urgente, seja em um mundo sob o impacto da Covid-19 ou não.



# Impactados pela pandemia, professores apostam no empreendedorismo

**E**m setembro de 2020, um relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apontou que escolas brasileiras ficaram fechadas por mais tempo do que em outros lugares do mundo por conta da pandemia de Covid-19. A interrupção das aulas presenciais, aliás, pode reduzir o produto interno bruto (PIB) brasileiro de 5,3% para 23%, de acordo com o cálculo feito por economistas do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper) e divulgado pela Folha de S. Paulo em junho.

Tal estudo, além de calcular o impacto da perda de aprendizado, também trouxe a projeção de que os jovens poderão perder R\$ 42,5 mil de renda se os conteúdos didáticos não forem repostos e se o déficit acompanhá-los em sua jornada no mercado de trabalho. E por falar em mercado de trabalho, não é possível ignorar como a crise sanitária afetou os trabalhadores brasileiros; com os professores e as escolas também não foi diferente.

A verdade é que as instituições de ensino, principalmente as particulares de pequeno porte, passam por maus bocados. Pelo menos é o que aponta uma pesquisa encomendada pela União pelas Escolas Particulares de Pequeno e Médio Porte, organização sem fins lucrativos que divulgou o resultado do estudo em junho de 2020. Segundo a entidade, cerca de 30% a 50% dessas escolas estão sob risco de falência e redução de



00:1

receita, ocasionada pela necessidade de conceder descontos, por atrasos nas mensalidades e, ainda, por inadimplência. À época da divulgação da pesquisa, 95% dos estabelecimentos já haviam sido afetados pelo cancelamento das matrículas.

### As alternativas digitais

Não é difícil compreender a necessidade de os professores buscarem novos rumos e investirem no empreendedorismo como maneira de fugir do desemprego e/ou da redução de salários, apostando em novas maneiras de concretizar o próprio negócio e, consequentemente, obter independência financeira.

É claro que abrir e gerenciar uma escola não é o caminho mais fácil no sonho de empreender na educação, uma vez que instituições de ensino precisam de regulamentação, alvarás, profissionais e espaço físico. Contudo, em pleno 2021, há outras opções para se investir nesse sonho, e algumas delas têm baixo investimento inicial e podem ser construídas no ambiente digital.

Raquel Caparroz, professora de Educação Infantil, por exemplo, lecionou por dez anos, mas sempre foi uma apaixonada pela contação de histórias. Hoje, ela faz parte da categoria de pessoas que recorreram ao empreendedorismo para conquistar um sonho e, também, ter uma renda alternativa. “Com o início da pandemia, percebi que eu poderia divulgar mais as contações, brincadeiras e músicas por meio de um canal no YouTube. E, assim, passei a investir no ‘Conte outra vez.’”

Os vídeos produzidos e apresentados por Raquel tomaram proporções maiores do que o esperado, com o acesso de educadores e famílias. “Muitas pessoas me procuram pedindo para que eu grave histórias para determinadas situações que vivem com as crianças”, diz.

A remuneração para criadores de conteúdo em plataformas de vídeo nem sempre é imediata. Por isso, Raquel decidiu investir em outras frentes, como no curso de contação de histórias que ela disponibilizou em uma plataforma dedicada à comercialização de produtos digitais. “Não é muito fácil organizar os horários entre as demandas da escola, gravações, edições, preparo de cada contação, postagens e ainda a vida de mãe e esposa. Mas eu acredito que a educação se faz por meio do ensino lúdico e humanizado, que o mundo da fantasia e da imaginação deve estar presente na formação de nossos pequenos”, comenta.

Para ela, o empreendedorismo se juntou à paixão pela educação e pelo mundo de histórias e fantasias, resultando em um trabalho que se adapta ao seu cotidiano e no qual ela recebe todo tipo de apoio da família, além de manter a proximidade com ela. “Desde o começo eu tive muito apoio do meu marido e dos meus filhos, que me ajudam, inclusive, nas produções e gravações. É muito importante que sempre tenhamos a oportunidade de manter essa chama acesa e que possamos espalhar isso a outros educadores, alunos e famílias”, afirma.

Eduardo Baez, historiador e sociólogo, já apostava na internet e na produção de vídeos antes mesmo da pandemia. No entanto, devido às restrições impostas pela Covid-19, o professor teve mais tempo para desenvolver o seu trabalho *online*. “Hoje, tenho uma pequena estação de trabalho e geração de conteúdo no escritório da minha casa. Passei a estudar marketing digital e aplicar conceitos a fim de manter um negócio próprio. Ainda há muito o que aprender, mas minha próxima ação é aprender programação”, conta.

Mesmo considerando os desafios ao longo do caminho, mas tendo a educação como foco, Baez complementa: “o futuro da educação e de treinamentos está vinculado, definitivamente, ao mundo *online*”.

5:39

## O desafio das *fake news* na infância

Stéphanie Habrich

A propagação de notícias falsas já mostrou seu poder, que vai de influenciar eleições a dividir sociedades, potencializando preconceitos e ódios. O problema das *fake news* é mais grave do que se imagina porque, se não for tratado desde a base, teremos crianças e jovens se afastando cada vez mais do consumo saudável de notícias e até mesmo descrentes de veículos com credibilidade, que praticam o jornalismo profissional e de qualidade. Isso os deixará paralisados, sem saber como agir, e vulneráveis aos mais diversos tipos de manipulações.



Imagem: Shutterstock

Sem entender o que se passa ao redor, as crianças não se sentem parte da sociedade. A realidade é que, queira você ou não, elas ouvem e assistem, principalmente pela televisão, o noticiário que é feito exclusivamente por e para adultos e leem ou ouvem na internet o que está circulando no momento. As crianças captam fragmentos dessas notícias, mas ainda não desenvolveram total capacidade para compreendê-las – não no formato do “jornalismo de adultos”. Percebem quando há algo grave acontecendo, até porque podem estar vivendo em casa o problema estampado nas manchetes

dos jornais, como a atual pandemia de Covid-19. Muitas sabem o que são *fake news*, mas não entendem em quem ou no quê confiar. Precisam ser ensinadas a isso – assim como muitos adultos.

Diferenciar informação de opinião também é difícil para elas. Assim, e porque muitos adultos ainda não têm recursos para distinguir as notícias falsas das verdadeiras ou simplesmente não se atentam a isso, elas acabam à margem do debate. É aí que está o problema: se as crianças não tiverem formação para ler notícias e não exercitarem o senso crítico para se proteger da desinformação, iremos perder uma geração inteira que poderia (e deveria) promover as mudanças que tanto queremos para o país.

O jornal Joca, publicação que criei há dez anos, trata quinzenalmente dos principais assuntos da atualidade de modo contextualizado para chegar às crianças e aos adolescentes. A experiência ao longo dessa última década me mostra que, quando têm acesso a notícias adequadas aos seus repertórios e em linguagem acessível, os jovens se sentem parte da sociedade e se tornam mais autônomos – inclusive com mais capacidade de agir, desde então, por um mundo melhor (dentro de suas realidades e limites de acesso).

Não temos como controlar o tempo todo aquilo que nossos filhos estão lendo ou assistindo, mas podemos sempre inclui-los no debate, compartilhando e discutindo notícias, ensinando-os a buscar fontes confiáveis de informação e a exercitar o próprio pensamento. Assim, ajudaremos a formar o senso crítico daqueles que, logo, serão os adultos.

**Stéphanie Habrich**

*Fundadora e sócia-diretora da Magia de Ler, organização que produz o jornal Joca, primeiro jornal de atualidades do Brasil voltado para jovens e crianças.*

LANÇAMENTO

# NOVO ENSINO MÉDIO.

Já imaginou sua escola montando os livros do Novo Ensino Médio do jeito que achar melhor?



A coleção **Novo Ensino Médio**, da Editora do Brasil, apresenta livros didáticos por Área de Conhecimento, Projetos de Vida e Projetos Integradores, todos digitais e customizados de acordo com as necessidades de cada escola.

Os professores poderão customizar o livro didático e oferecer todos os conteúdos em um único ambiente. Poderão excluir os capítulos de um livro, trocar os capítulos do livro selecionado pelos capítulos de outro livro da coleção e marcar os exercícios a serem feitos diretamente no livro digital. Além disso, o aluno também pode responder questões, marcar trechos importantes e fazer anotações.

Entre em contato com a **Editora do Brasil**, solicite uma demonstração e tenha em sua escola a solução ideal para as demandas do novo modelo de Educação!

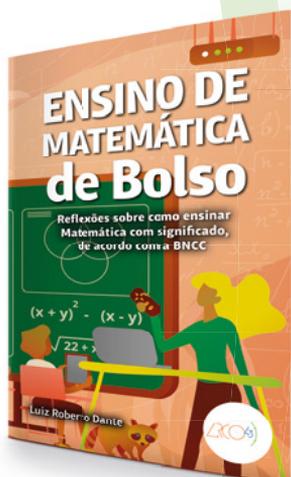
Fale com o consultor de sua região ou pelo e-mail: [atendimento@editoradobrasil.com.br](mailto:atendimento@editoradobrasil.com.br)



# LIVROS COM OS TEMAS MAIS ATUAIS DA EDUCAÇÃO EM FORMATO *POCKET*, PERFEITO PARA UMA LEITURA MAIS DINÂMICA E UM APRENDIZADO MAIS RÁPIDO!

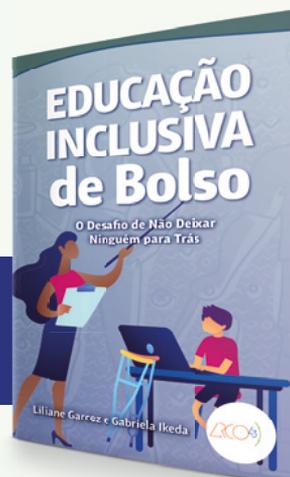
A coleção de Bolso do selo Arco43, da Editora do Brasil, apresenta publicações com foco na formação continuada de professores e gestores, deixando-os sempre bem informados e atualizados sobre as novas tendências educacionais.

LANÇAMENTOS



*Ensino de Matemática de Bolso*,  
de **Luiz Roberto Dante**

*Educação Inclusiva de Bolso*,  
de **Liliane Garcez e  
Gabriela Ikeda**



## OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO DE BOLSO

- *BNCC de Bolso*, de **Luis Carlos de Menezes**
- *Metodologias Ativas de Bolso*, de **José Moran**
- *Competências Socioemocionais de Bolso*, de **Itale Luciane Cericato e Lauri Cericato**
- *Geomarketing Escolar de Bolso*, de **João Eduardo Vaz Caetano**
- *Marketing Escolar de Bolso*, de **Helena Poças Leitão**
- *Gestão Escolar de Bolso*, de **Francisca Paris e Claudio Paris**
- *Novo Ensino Médio de Bolso*, de **Luis Carlos de Menezes**
- *Projetos de Leitura de Bolso*, de **Maria Cristina Furtado**
- *Projetos Escolares de Bolso*, de **Lucas Paris e Claudio Paris**
- *Neurociências de Bolso*, de **Marta Relvas**

Aponte o celular  
para o QR Code  
e conheça mais os títulos  
da coleção de Bolso!



# NOVA EDIÇÃO

## ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

# ESSA MÃOZINHA VAI LONGE

Caligrafia

DE ACORDO  
COM A BNCC!

**Autoras da coleção:**  
Thayanne Gabryelle e  
Vilza Carla

O contato com o mundo da escrita  
de maneira segura e alegre!

Obra de grande sucesso e, agora, em nova edição, **Essa mãozinha vai longe: caligrafia** apresenta uma série de práticas destinadas a ampliar possibilidades de trabalho com a coordenação motora fina dos alunos e, simultaneamente, a desenvolver a formação integral das crianças.

As atividades de coordenação motora, repletas de ludicidade e recursos linguísticos, como rimas, parlendas e canções populares, estão organizadas de maneira gradativa: a dificuldade de cada proposta é ampliada página a página, em uma progressão que acompanha o ritmo de desenvolvimento e a maturidade da criança.

Mais liberdade para o professor e todo o suporte necessário para a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): os conteúdos de **Essa mãozinha vai longe: caligrafia** podem ser trabalhados na sequência em que estão apresentados ou a seu critério, de acordo com as necessidades das crianças, em momentos oportunos para tal aprendizagem. O Manual do Professor conta com indicações das habilidades da BNCC desenvolvidas nas atividades, além de possibilidades de ampliação de conhecimentos por meio de jogos, brincadeiras e músicas!



**Exclusivo para professor:**  
Planejador de Aulas na  
plataforma LEB – Laboratório  
Educação Brasil!

Entre em contato com o consultor  
de sua região ou pelo e-mail  
[atendimento@editoradobrasil.com.br](mailto:atendimento@editoradobrasil.com.br)

 **Editora  
do Brasil**

Estudar é  
preciso.  
Pagar não.



**NOVO CURSO**  
em EaD do Educa Brasil para  
professores e gestores:

Educação Infantil:  
da Releitura dos Saberes à  
Ressignificação das Práticas

Um curso completo e gratuito sobre o  
atual cenário da Educação Infantil, com  
certificação e com professores especialistas.



**INSCREVA-SE JÁ!**  
[educa-brasil.com](http://educa-brasil.com)

 (11) 99329-5316 | 0300 770 1055

[atendimento@editoradobrasil.com.br](mailto:atendimento@editoradobrasil.com.br) [www.editoradobrasil.com.br](http://www.editoradobrasil.com.br)



**EducaBrasil**  
Formação Continuada | EAD



**Editora  
do Brasil**